



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**O Processo de Realojamento e a Melhoria da Qualidade de Vida dos
Habitantes do Zango III**

Gabriela da Natividade Moreira Palhares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Social da Saúde

Orientadora:

Doutora Maria Luísa Pedroso de Lima, Professora Catedrática

ISCTE-IUL

Outubro, 2012

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**O Processo de Realojamento e a Melhoria da Qualidade de Vida dos
Habitantes do Zango III**

Gabriela da Natividade Moreira Palhares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Social da Saúde

Orientadora:

Doutora Maria Luísa Pedroso de Lima, Professora Catedrática

ISCTE-IUL

Outubro, 2012

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, Henrique Palhares e Adélia Palhares, por toda a dedicação, carinho e aposta na minha formação acadêmica, quis o destino levar-vos tão cedo. Vocês são a minha força e sei que estarão sempre a olhar por mim.

Eterna saudade.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível devido a todos aqueles que me apoiaram e ajudaram nesta nova etapa do meu percurso escolar, profissional e pessoal. Deixo escrito o meu agradecimento a:

Deus, por cada vitória neste percurso, pois Ele é digno de toda a honra, glória e louvor.

Gostaria de agradecer a um conjunto de Professoras que guiaram o meu percurso escolar e o deste trabalho:

À Professora Doutora Luísa Lima, pela orientação, pelo apoio, confiança e incentivo que foram essenciais para a realização deste trabalho;

Às professoras Sibila Marques, Sónia Bernardes e Manuela Calheiros pelos ensinamentos, paciência e dedicação ao longo dos dois anos do Mestrado; à Professora Clara Barata pela disponibilidade, sugestões e ideias metodológicas; ao professor Sérgio Moreira, o grande mentor da escolha deste tema; ao Arquitecto Bento Soitto e à sua equipa, pelo apoio e a autorização no momento da pesquisa de campo; ao Dr André Soma pela confiança depositada no meu futuro académico e profissional; ao Dr Alberto Alfredo pelo apoio, carinho e grande dedicação ao longo da minha formação.

A todos os familiares e amigos:

À mana Carol e o mano Tino, pela ajuda e apoio na nossa estadia e legalização cá em Portugal; ao casal Agostinho Domingos e Conceição Domingos o meu muito obrigada pela dedicação carinho e preocupação que sempre dedicaram durante a minha formação; ao casal Mossoluvella, pelos momentos bons que passámos juntos; à família Sousa pelo apoio e companheirismo; à comunidade Claretiana, em especial o grupo das missadas das 21, pelo apoio espiritual e espírito de entreatajuda; Aos meus colegas de serviço, pelo apoio, em especial ao Director José Dala, à professora Amélia Kiteculo, à professora Beatriz Silva e ao professor Augusto Hitenahae. Ao meus colegas do Isced, aos meus irmãos do coral (É).

A todos funcionários do Inabe/Sector dos estudantes, em especial Dr^a Francisca e o Senhor Bebiano Inácio.

Aos meus colegas do Mestrado de Psicologia Social da Saúde, pelo apoio e troca de sugestões, de ideias durante as reuniões de supervisão e pela partilha de experiências, directamente à Ângela, Débora, Sabina e a Rita.

Um agradecimento especial ao amigo Romualdo, pelo incentivo e persistência em matricular-me no Mestrado.

A todos os amigos, estudantes e contemporâneos africanos cá em Portugal com os quais partilhei tantos momentos défices mas também felizes.

Aos meus irmãos, cunhados sobrinhos e familiares, pela ajuda nos momentos mais difíceis da nossa vida, o meu muito obrigada pela confiança que depositaram em mim.

À minha afilhada, amiga, colega e companheira de jornada, Bebiana de Sousa. O meu muito obrigado pela paciência nos momentos tristes da minha vida e por todos os momentos felizes que passámos juntas.

Ao meu marido Nhangá de Assunção que me apoia incondicionalmente.

A todos, a minha eterna gratidão.

ÍNDICE

Agradecimentos	III
Resumo	X
Abstract	XI
Índice	V
Índice dos quadros	VII
Índice das Figuras	IX
Índice das Abreviaturas	IX
Introdução	1
Capítulo I- Enquadramento Teórico	3
1.1.Do Zango ao problema desta investigação	3
1.1.2.O Realojamento	4
1.2. Definição dos conceitos	6
1.2.1.Conceito de lugar	6
1.2.2.Conceito de vinculação ao lugar	8
2.Satisfação residencial	11
2.1.Satisfação com à casa	12
2.2.Satisfação com o bairro	14
2.3.Satisfação com os vizinhos	15
3.Relação entre a vinculação ao lugar e a satisfação residencial	16
4. Impactos do processo de realojamento	16
5.Objectivos e Hipóteses	20
6.Descrição do caso de estudo	21
6.1. Os bairros de origem	21
6.2. O Zango	24
7. Comparação entre as características do antigo e do novo bairro	25
Capítulo II – Metodologia	27
2.Método	27
2.1.Selecção da amostra	27
2.2.Participantes	28
2.3.Procedimentos	31
2.4.Instrumentos	32
2.4.1.Caracterização do realojamento	32

2.4.2 Satisfação residencial e Vinculação ao lugar	33
2.4.3. Adaptação a nova situação	35
Capítulo III – Resultados	37
3.1.Avaliação do realojamento	37
3.2. Apoio recebido	39
3.3. Relação do realojamento com o tempo para a mudança, apoio das instituições, apoio social na mudança e a mudança com todos os vizinhos	41
3.4.Satisfação com o alojamento actual e Vinculação ao lugar actual	42
3.5. Relação da satisfação residencial actual e Vinculação à casa e ao bairro actual	44
3.6. Satisfação com o alojamento anterior e a vinculação ao lugar anterior	45
3.7. Relação com o alojamento anterior com à casa e ao bairro anterior	47
3.8. Comparação dos valores da ligação ao espaço residencial anterior e actual	48
3.9.Adaptação à nova situação	49
3.10.Relação do bem-estar subjectivo e bem-estar saúde	53
3.11.Relação da adaptação à nova situação (saúde ,bem-estar subjectivo e relacionamento) com a avaliação do realojamento e tempo para a mudança	54
3.12. Relação da adaptação à nova situação (saúde ,bem-estar subjectivo e relacionamento) com a satisfação residencial actual/anterior, vinculação à casa e ao bairro actual/anterior	55
3.13.Relação do bem-estar com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro	57
3.14.Relação da avaliação do realojamento com a satisfação residencial actual/anterior e a vinculação à casa e ao bairro actual e anterior.	59
3.15.Relação da avaliação do realojamento com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro.	60
Capítulo IV – Discussão e conclusões	63
4.Discussão dos resultados	63
4.1.Limitações do estudo	63
4.2.Propostas e implicações práticas	65
Bibliografia	
Anexos	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1. Comparação entre as características do antigo e do novo bairro	26
Quadro 2.1. Número de pessoas do agregado	30
Quadro 2.2. com quem vivia antes/agora?	31
Quadro 3.1. Tempo no bairro anterior	37
Quadro 3.2. tempo de realojamento (meses)	37
Quadro 3.3. Experiência do realojamento	38
Quadro 3.4. Como correu o realojamento	38
Quadro 3.5. tempo para a mudança (dias).....	39
Quadro 3.6. Apoio das instituições	39
Quadro 3.7. Apoio da família	40
Quadro 3.8. Apoio de amigos e vizinhos	40
Quadro 3.9. Fez a mudança com todos os vizinhos?	41
Quadro 3.10. Relação da avaliação do realojamento com o tempo para a mudança, apoio das instituições , apoio social da mudança e a mudança com todos os vizinhos	42
Quadro 3.11. Satisfação com o alojamento actual	42
Quadro 3.12. Estatística descritiva da satisfação ao alojamento actual	43
Quadro 3.13. Vinculação ao alojamento actual	43
Quadro 3.14. Estatística descritiva da vinculação ao alojamento actual	44
Quadro 3.15. Satisfação residencial actual e vinculação à casa e ao bairro actual	44
Quadro 3.16. Satisfação com a residência anterior	45
Quadro 3.17. Estatística descritiva da satisfação residencial anterior	46
Quadro 3.18. vinculação ao alojamento anterior	46
Quadro 3.19. Estatística descritiva do alojamento anterior	47
Quadro 3.20. Relação da satisfação residencial anterior com a vinculação à casa e ao bairro anterior	48
Quadro 3.21. Estatística descritiva da satisfação residencial e o alojamento actual / anterior	49
Quadro 3.22. Estatística descritiva da Percepção da saúde	50
Quadro 3.23. Avaliação da saúde em geral	50
Quadro 3.24. comparação da saúde com pessoas da mesma idade	50
Quadro 3.25. Estatística descritiva do bem-estar subjectivo	51
Quadro 3.26. Grau de satisfação com a vida.....	51

Quadro 3.27. Grau de felicidade com a vida	52
Quadro 3.28. Frequência das questões relativas a solidão	52
Quadro 3.29. Estatística descritiva da qualidade do relacionamento	53
Quadro 3.30. Bem-estar e o bem-estar saúde	54
Quadro 3.31. Relação da adaptação à nova situação, avaliação do realojamento e o tempo para a mudança	55
Quadro 3.32. Bem-estar com a satisfação residencial actual/anterior, vinculação à casa e ao bairro actual/anterior	57
Quadro 3.33. Relação do bem-estar, satisfação residencial, vinculação à casa e ao bairro ..	58
Quadro 3.34. Relação da avaliação do realojamento com a satisfação residencial actual e anterior e a vinculação à casa e ao bairro actual e anterior	60
Quadro 3.35. Relação da avaliação do realojamento com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1. Imagem do bairro da boa vista	22
Figura 1.2. Imagens da escola Ngolakanini	22
Figura 1.3. Imagens do município do Cacuaco	23
Figura 1.4. Imagens do município do Sambizanga	23
Figura 1.5. Imagens do bairro de realojamento (Zango III)	25

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1.Sexo dos participantes	28
Gráfico 2.2. Estado civil dos participantes.....	28
Gráfico 2.3 .Escolaridade dos participantes	29
Gráfico 2.4 .Situação Laboral dos participantes	30
Gráfico 3.1 .Comparação da satisfação residencial actual/vinculação anterior/actual	49

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

GTRUCS- Gabinete Técnica de Reconversão Urbana do Cazenga e Sambizanga

IBEP- Inquérito Integrado de Bem-Estar da População

PRP- Programa de Realojamento das populações

RESUMO

A presente investigação tem como principal objectivo compreender o impacto psicossocial do processo de realojamento no bem-estar das pessoas realojadas no Zango III. Pretendemos determinar se a avaliação que estes fazem da sua qualidade de vida após o realojamento está associada à vinculação ao lugar anterior. A amostra utilizada foi constituída por 72 indivíduos que passaram pelo processo de realojamento e vivem actualmente no Zango III.

Para o efeito, utilizou-se a metodologia quantitativa; tendo sido elaboradas questões e respectiva avaliação relativas à caracterização do realojamento. Relativamente à medição da satisfação residencial utilizou-se a escala adaptada de Amérigo (1995); para avaliar a vinculação ao lugar utilizou-se a escala adaptada de Hidalgo e Hernández (2007); e para medir a adaptação à nova situação utilizou-se indicadores relativos a saúde, ao bem-estar subjectivo e relacionamento. A escala de percepção de saúde foi adaptada de *European Social Survey*, a escala de bem-estar subjectivo foi de Diener (2000) e a escala de solidão e relacionamento foi adaptada de Hughes (2004).

Os principais resultados deste estudo revelaram uma má avaliação do processo de realojamento por parte dos participantes, pois estes declararam ter sido feito com pouca preparação e apoio, e estar mais satisfeitos com o alojamento anterior em comparação com o actual. Os indivíduos que avaliaram melhor o realojamento actual são aqueles que perceberam melhor a saúde, o bem-estar subjectivo e os mais vinculados ao novo lugar.

Palavras Chave: Realojamento; Vinculação ao Lugar; Satisfação Residencial.

ABSTRACT

This research is aimed mainly at understanding the psychosocial impact of the relocation process in the welfare of the people rehoused in Zango III. It is intended to determine whether the assessment they make their quality of life after resettlement is associated with attachment to the place before. The sample consisted of 72 individuals who went through the process of resettlement and currently live in Zango III.

For this purpose, we used the measurement method; having sidas prepared questions and their evaluation concerning the characterization of relocation. Regarding the measurement of satisfaction residential used to scale adapted Amérigo (1995); to assess binding to place scale was used and adapted from Hernández Hidalgo (2007), and to mediate the adaptation to the new situation was used indicators relating to health, well-being and subjective relationship. The scale of health perception was adapted from European Social Survey, the scale of subjective well-being was Diener (2000) and the scale of loneliness and relationship was adapted from Hughes (2004).

The main results of this study revealed a poor assessment of the relocation process by the participants, as they claimed to have been done with little preparation and support, and be more satisfied with the accommodation earlier compared with the current. Individuals who rated best current resettlement are those perceiving better health, subjective well-being and more linked to the new place.

Keywords: Rehousing; Attachment to Place; Residential Satisfaction.

1. INTRODUÇÃO

Angola debate-se com sérios problemas de realojamento devido à necessidade de alargamento e construção de novas vias de acesso entre as cidades e bairros; e também à necessidade de retirar populações de lugares considerados em risco e de construção ilegal.

O realojamento foi durante anos a solução escolhida para a recuperação de áreas deterioradas das cidades angolanas, nomeadamente da cidade de Luanda. Devido à situação de guerra instalada ao longo de trinta e sete anos em Angola, as populações fugiam das aldeias e das províncias à procura de segurança e de condições de vida melhores. A cidade de Luanda era o local de eleição das populações para se refugiarem devido ao facto de ser a capital, conseqüentemente mais protegida uma vez que era lá que se encontravam as estruturas governamentais.

Com o estabelecimento da paz em 4 de Abril de 2002, aumentou ainda mais a preocupação de proporcionar melhores condições de vida às populações, nomeadamente de acabar com as situações precárias de habitação das populações refugiadas. No entanto, também se tem verificado que o processo de realojamento tem sido de difícil resolução e gestão. A sua implementação rege-se somente por motivações políticas e urbanísticas, excluindo toda a dimensão social, nomeadamente: as necessidades psico-sociais das pessoas realojadas.

De acordo com estudos realizados por outros autores, as características físicas da habitação não são as únicas que determinam a qualidade de vida das populações; o factor vinculação ao lugar tem mostrado ser uma variável relevante e significativa no processo de realojamento; nomeadamente, ao nível do bem-estar das populações durante este processo complexo. Aragonês e Amérigo (2002) salientam que como o realojamento está relacionado com um grande número de problemas sociais (tal como a ruptura dos laços familiares e sociais), o processo de realojamento não é apenas um projecto urbanístico; é um desafio que deve ser equacionado numa perspectiva intermultidisciplinar, tendo em conta a contribuição de várias valências.

Hormuth e Weiss (1990; citado por Bernardo e Palma. 2005) referem que a acção de realojamento exige a ponderação de uma grande complexidade de problemas, na medida em que apresenta vantagens e inconvenientes. Em particular, o realojamento

forçado deve ser visto como uma mudança que pode proporcionar oportunidades e riscos: se por um lado ele pode ser uma oportunidade para a mudança social e melhoria individual, por outro pode ser fonte de impactos negativos. Assim, o realojamento poderá permitir uma melhoria na qualidade habitacional mas poderá não ser satisfatório para a população que vai ocupar este espaço.

Os processos de realojamento em Angola têm sido realizados ignorando as dimensões psicossociais das pessoas realojadas. Isto acontece porque, no país, é quase nula a existência de um olhar das Ciências Sociais sobre este processo.

Desta forma, este trabalho pretende trazer um olhar da Psicologia Social da Saúde relativamente a estas questões, articulando as dimensões sociais da ligação ao espaço físico com o bem-estar dos indivíduos que passaram pela experiência de realojamento. Considera-se de elevada importância perceber e valorizar como é que estas populações vivem o realojamento; as respectivas implicações psicoafectivas deste processo nas suas vidas; bem como sensibilizar as entidades governamentais para que no futuro tenham em conta estes aspectos de modo a que o realojamento não seja visto como um problema, mas sim como uma solução positiva e benéfica para a melhoria da qualidade de vida das populações.

Este trabalho de investigação vai centra-se no processo de realojamento dos habitantes do Zango III (Luanda) e respectiva análise das implicações no seu bem-estar subjectivo tendo em consideração a vinculação que apresentam relativamente ao lugar de origem e ao novo lugar de residência. Esta investigação revela-se pioneira ao apresentar uma abordagem da Psicologia Social da Saúde direccionada para esta problemática. Pretende-se perceber o impacto psicossocial do processo do realojamento no bem-estar dos indivíduos deslocados; avaliar quais os mecanismos utilizados pelos indivíduos face à melhoria da sua qualidade de vida após o realojamento; e verificar a importância da vinculação à casa, ao bairro e à vizinhança neste processo.

A estrutura do trabalho é composta por quatro capítulos, o primeiro faz referência, ao enquadramento teórico, que apresenta uma breve revisão do problema em estudo, o segundo capítulo comporta, as definições dos conceitos base, o terceiro capítulo suporta os resultados da pesquisa e o quarto e último capítulo encontram-se a discussão, as limitações do estudo e as propostas para futuros trabalhos.

CAPÍTULO I : ENQUADRAMENTO

1.1.Do Zango ao problema desta Investigação

Segundo fonte do Jornal *O País*, (2012), Angola regista um atraso de 4 censos populacionais. O último censo foi realizado no ano de 1970 ainda sobre as égides do período colonial quando o país atingiu a cifra de 6 milhões de habitantes. Deste modo, as estimativas populacionais são feitas com base em projecções das Nações Unidas, desconhecendo-se o número real da população angolana.

O censo populacional colonial em 1940 já registava um foco intenso na Capital Angolana. A julgar pelos resultados dos diferentes censos populacionais, desde 1940 que Luanda duplica a sua população a cada 10 anos, altura em que tinha 61,000 habitantes.

Em 1983, ou seja 43 anos depois, com o início da guerra civil, Luanda detinha a cifra de 1 milhão de habitantes. (Nzatuzola, 2007b).

Actualmente, segundo os dados do Governo Provincial de Luanda, em 2000 a população de Luanda estimava-se em 3.395.717 habitantes; hoje, estima-se que seja de 5.448 habitantes. Este número deve-se, em parte, ao êxodo populacional da guerra civil em que muitas famílias se viram obrigadas a saírem das suas províncias de origem à procura de abrigo na cidade de Luanda. As estruturas existentes revelaram-se claramente insuficientes devido ao acolhimento de grande parte dos refugiados de guerra de todo o país que ocuparam grandes áreas da cidade. Sem recursos, construíram desordenadamente habitações em condições muito precárias, não obedecendo a nenhuma regra/plano urbanístico ou ocuparam edifícios sem condições de habitabilidade, dando origem, por exemplo, aos designados becos.

O número de casas sem condições de salubridade é extremamente elevado em Luanda, o que configura um problema de saúde pública. De facto, hoje grande parte da população em Luanda debate-se com doenças extremamente graves, nomeadamente, malária; doenças respiratórias agudas; doenças diarreicas agudas; doenças sexualmente transmissíveis; disenteria; febre tifóide; tuberculose; VIH/SIDA; etc. Estas doenças apresentam-se como as principais causas de morte no país, com prevalência da morte materna infantil (Relatório social de Angola 2010).

Neste contexto, o realojamento das populações outrora refugiadas e actualmente sediadas em Luanda é um factor crucial, pois dele depende a garantia de qualidade de

vida e saúde das populações. Neste novo contexto nacional, o estado assumiu esta responsabilidade e definiu uma estratégia de realojamento destas comunidades. Foi assim que nasceram diversos bairros, construídos de raiz para realojarem estas populações em habitações com saneamento básico, água e luz: o Zango I em 2001, o Zango II em 2004 e 2005, o Zango III e o Zango IV que tiveram início em simultâneo no ano 2007.

1.1.2- O Realojamento

Estes lugares de acumulação de refugiados foram, ao longo dos anos, transformando-se em comunidades. Os espaços de ocupação temporária foram adquirindo formas mais estáveis e tornaram-se bairros que, embora sobrelotados e com enormes problemas sanitários, funcionavam com base nas fortes relações de vizinhança que se foram desenvolvendo, fruto da comunhão dos problemas e da necessidade de sobrevivência colectiva.

Neste momento, com uma geração de descendentes destes refugiados já nascidos e educados na capital, estamos perante um grupo enorme de famílias que foram investindo e melhorando as suas condições residenciais e, principalmente, foram construindo com os vizinhos e familiares laços sociais fortes que configuram uma comunidade.

O realojamento destas comunidades foi pensado em termos urbanísticos, em termos de política de ocupação do território, e logísticos. Construíram-se novas casas e depois informaram-se as pessoas residentes nestes bairros insalubres que iriam mudar-se nos próximos dias para um lugar distante. Foram destacadas camionetas para fazer a mudança e trabalhadores para demolirem a instalação que desalojavam.

Tudo foi organizado de forma eficiente, mas sem considerar a perspectiva dos residentes. Este aspecto é particularmente relevante porque as populações realojadas são populações já agredidas: num primeiro caso, pela emigração forçada em direcção a Luanda, fugindo da guerra; e agora (re)deslocadas na dependência de políticas de recuperação urbana sem qualquer processo de apoio psicossocial.

Devido à prematuridade do país e respectivas circunstâncias de paz, técnicos superiores (sociólogos, psicólogos, assistentes sociais, antropólogos) não existiam como recursos nacionais, de modo a que se pudesse dispor dos seus saberes e sensibilidades dum modo sistemático nos actuais processos de realojamento.

Os realojamentos foram feitos juntando nos novos bairros populações oriundas de diferentes partes da cidade. De facto, as autoridades não realojaram bairros na totalidade, seleccionando apenas para a mudança as famílias que se encontravam em condições de risco. Assim, os residentes em risco consideraram-se coagidos a abandonar relações vicinais (e parentais) de anos e laços de solidariedade construídos entre pessoas física e socialmente próximas.

Parte desta população em risco foi (*re*)alojada no Zango III mas o processo de realojamento quase que não se observou. Tratou-se de uma mudança muito rápida, não só do espaço físico como do espaço social, que contribuiu para a abertura deste *ferimento social e psicológico* ocultado e ignorado no processo de deslocação e à impressão de um primeiro olhar mediante as condições urbanísticas edificadas e oferecidas pelo novo e extenso Zango.

Este trabalho centra-se sobre este processo de realojamento e procura descrever a forma como foi vivido pelas pessoas envolvidas. Pretende-se ainda determinar o papel de variáveis psicossociais que permitam lidar de forma mais saudável com este processo pessoal complexo.

O enquadramento teórico básico para este trabalho parte da noção de lugar, que inclui não apenas a dimensão física do espaço, mas a sua dimensão afectiva, social e representacional.

Por isso, iremos recorrer a conceitos teóricos relacionados com a ligação afectiva a espaços residenciais (vinculação ao lugar, satisfação residencial) que incluem as relações sociais desenvolvidas nesse espaço. Esta perspectiva, que salienta a força da ligação afectiva a espaços habitacionais, permite-nos compreender os impactos negativos da sua quebra abrupta.

Fried (1953, citado por Speller, 2005) lança a ideia de que a perda de um lugar que se gosta muito pode ser comparável a uma resposta de pesar que apresenta a maioria das características do pesar e do luto pela perda de uma pessoa. Este autor analisou as experiências daqueles que foram obrigados a mudarem-se para fora do anterior «bairro degradado», de classes de trabalhadores em West End, Boston . O autor estabeleceu a importante ligação entre a perda de lugar e a perda de um ente querido, salientando o papel central que o lugar pode representar no bem-estar de um indivíduo.

É importante, contudo, salientar a ideia de que o processo de realojamento consiste na construção de um objecto complexo pelas suas dimensões científicas. Tendo em conta estes pressupostos formulámos as seguintes questões de investigação:

- Como é que as pessoas realojadas no Zango III avaliam o processo de realojamento?
- Que importância tem a vinculação ao lugar neste processo?
- Que implicações tem o realojamento no seu bem-estar?

1.2- Definição de Conceitos

1.2.1 - O Conceito de Lugar

Quando nos referimos a lugar, em psicologia e em particular em psicologia ambiental, estamos a falar num conceito bem mais abrangente do que um espaço físico. Não é apenas um espaço produzido, ao longo de um determinado tempo, pela natureza e pelo homem, para ser visto como uma construção única, singular, carregada de simbolismo e que agrega ideias e sentidos produzidos por aqueles que o habitam. Muito além de um espaço físico, de uma paisagem repleta de elementos e de referências peculiares passíveis de descrições objectivas e racionalizadas, o lugar, na visão humanística, constitui-se como uma paisagem cultural, campo da materialização das experiências vividas que ligam o homem ao mundo e despertam os sentimentos de identidade e de pertença no indivíduo. É, portanto, fruto da construção de um elo afectivo entre o sujeito e o ambiente em que vive.

Speller (2005) define lugar de acordo com Aristóteles, como sendo a dimensão da relação entre pessoas e ambiente físico que conduz à evocação de sentimentos de pertença. Nas últimas décadas, a autora refere que este conceito tem recebido uma atenção acrescida derivada, essencialmente, da conotação temporal que lhe é acrescida e que permite o estabelecimento da ligação entre o indivíduo e o seu passado, presente e futuro colectivo. Outra definição referenciada na revisão de Speller (2005) foi a de Tuan (1977), que considera o lugar como sendo uma expressão da condição mais psicológica profunda, e a existência de cada pessoa num determinado ponto no tempo e no espaço. Ainda Low & Altman, (1992, citado por Duarte e Lima, 2001) definem “lugar” como sendo um espaço ou contexto físico ao qual as pessoas ou grupos estão emocional ou

culturalmente ligados e ao qual atribuíram significados através de processos pessoais, grupais ou culturais.

Speller (2005) na sua revisão de literatura refere que, de acordo com Sime (1986), foi nos anos 60 e 70 que o termo lugar começou a ser utilizado, implícita ou explicitamente, nas críticas de arquitectura de larga escala dos alojamentos e realojamentos de massa em contextos urbanos, bem como nos planos de realojamento que, indo ao encontro do movimento moderno do pós-guerra incidiam na substituição de fileiras de edifícios de cota baixa por blocos geométricos sobrepostos em altura.

Este fenómeno de alcance mundial foi desencadeado por necessidades políticas e económicas, avanços tecnológicos, para dar resposta às necessidades sentidas, mas esqueciam a dimensão social e pessoal associada ao significado do espaço construído.

O conceito de lugar serviu para definir o seu oposto – o “não lugar” proposto por Augé (1994), não lugares referem-se a espaços físicos que as pessoas ocupam de forma transitória e com os quais não desenvolvem uma relação afectiva, nem integram na sua identidade. São espaços que não habitam as nossas memórias, que não servem de base à nossa sociabilidade e que têm apenas um carácter funcional. Exemplos de “não lugares” são as estações de metro ou aeroportos, e supermercados.

Lewicka (2010) refere que o interesse das pessoas no estudo sobre o lugar tem crescido muito nos últimos tempos. A autora salienta que este interesse é verificável nas pesquisas bibliográficas em revistas científicas e nas bases electrónicas mais populares, em que palavras-chave como *vinculação ao lugar*, *identidade de lugar* e termos relacionados resultaram em quase 400 artigos publicados nos últimos 40 anos. Realça ainda que estes termos se encontram em mais de 120 revistas diferentes, apresentados por todos os ramos das ciências sociais, incluindo a Psicologia Ambiental, Sociologia, Psicologia Comunitária, Geografia Humana, Antropologia Cultural, Gerontologia, Demografia, Estudos Urbanos, Ciências de Lazer e Turismo, Ecologia, Arquitectura Florestal, Planeamento e Economia. É de referenciar que estes números não incluem as teses de doutoramento, capítulos de livros e relatórios de pesquisa. Estima-se que o número real seja muito superior a este.

Apesar do desenvolvimento aparente e dinâmico do domínio, tanto nos artigos de revisão como em determinados trabalhos empíricos, muitos autores expressam as suas preocupações com as condições de lugar de pesquisa. A queixa mais frequente é sobre os vários conceitos de lugar relacionados e muitas vezes contraditório (Guiliani&Feldman, 1993; Prettyet al., 2003, citados por Speller, 2005). Pensa-se que

por ser um conceito multidisciplinar torna-se ainda mais complexo; por cruzar fronteiras entre disciplinas, o que pode interferir na sua definição.

Neste estudo, o conceito de lugar centra-se no processo de realojamento como a passagem de um “lugar” (o bairro que as pessoas construíram a partir da sua experiência de refugiados, e onde as pessoas viviam desde que se mudaram para Luanda) para um “não lugar” (o Zango, um espaço que, pelo menos no início, não tem correspondência a um significado pessoal, não existe enquanto território de sociabilidades, nem foi apropriado pelos residentes).

Apesar do estudo do lugar ter sido conceptualizado na área da Psicologia Ambiental, neste caso, pretende-se abordar a ligação ao lugar durante o processo de realojamento, focado em dois aspectos inovadores: em primeiro lugar, na importância das relações sociais que se passam no espaço residencial; o segundo aspecto inovador deste trabalho é o de associar este processo de transição à saúde e qualidade de vida dos residentes.

Neste sentido, serão abordados dois conceitos chave na conceptualização da relação com o lugar: vinculação ao lugar e satisfação residencial. Depois apresentaremos evidências da relação entre o realojamento e o bem-estar das comunidades.

1.2.2 - Conceito de Vinculação (ou apego) ao Lugar

O comportamento de vinculação é considerado uma classe de comportamento social de importância equivalente à do comportamento de casamento e parental. Sustenta-se que tem uma função biológica que lhe é específica. No entanto, o comportamento de vinculação é visto como aquilo que ocorre quando são activados certos sistemas comportamentais, acredita-se que os próprios sistemas desenvolvem-se no bebé como resultado da sua interacção com o meio ambiente, ou seja, a mãe (Bowlby, 1990). A literatura refere que a maior parte dos estudos sobre vinculação estão mais focalizados em estudar o relacionamento da criança com os pais (Bowlby 1990); e a vinculação na fase adulta (Weiss 1982) do que a vinculação ao lugar.

As pessoas estão vinculadas aos lugares por processos que reflectem a suas experiências, comportamentos cognitivos e emocionais no seu desenvolvimento socio-físico e ambiental; que ocorrem às vezes sem consciência e são desenvolvidos ao longo do tempo. A vinculação ao lugar tem sido conceptualizada por muitos autores apesar de alguns se centrarem primeiro na identidade de lugar para associar a vinculação ao lugar.

Para Speller (2005), presume-se que os laços emocionais precedem a adaptação identitária. A autora, referindo os conceitos de vinculação ao lugar de vários autores, como Belk (1992), salienta que para estarmos ligados ao ambiente que nos circunda, este tem de fazer parte de uma extensão somente do nosso *self*; não sendo quando esta é de origem funcional. O autor acrescenta que são apenas as emoções positivas que permitem a inclusão do lugar na identidade. Ainda Shumaker e Taylor (1983) afirmam que a vinculação ao lugar pode ser vista como um laço carregado de afectos positivos ou associações entre o indivíduo e os seus contextos residenciais, e a vinculação em si mesma, ao nível individual, é o sistema de atitudes e comportamentos interligados referentes à casa e ao habitat que reflecte a força do laço afectivo do indivíduo em relação ao local. Assim, os elementos do sistema são compostos por: cognições de satisfação e expectativas de estabilidade; sentimentos de afectos positivos; conhecimentos acerca do local; e comportamentos que servem para manter ou potenciar o local.

A definição de vinculação ao lugar proposto por Giuliani, (1991, citado por Speller, 2005) tem reminiscência na teoria da vinculação de Bowlby, onde a vinculação ao lugar como um laço vinculatório dirigido a um objecto ou à casa pode ser definida como: i) um estado de bem-estar psicológico experimentado pelo sujeito como resultado da mera presença, proximidade ou acessibilidade ao objecto e concomitantemente; ii) o estado de desamparo provocado pela ausência, afastamento ou inacessibilidade do objecto.

Giuliani (2004, citado por Speller,2005) também ressalta três processos que podem gerar um sentimento de apego: o primeiro, refere-se à satisfação das necessidades da pessoa no local havendo assim predominância dos componentes cognitivos e de sua relação funcional com o ambiente; o segundo relaciona-se com os significados dos lugares a nível simbólico e/ou físico em relação à identidade da pessoa; e no terceiro, retracta-se um grande período de residência e familiaridade, com ênfase nas questões emocionais, no sentimento de segurança e no bem-estar que propicia as pessoas.

Os factores que podem causar falta de apego são: a criminalidade, assaltos, insegurança, poluição, ruído - factores que têm sempre de ser relacionados com o tempo de residência no bairro e a falta de mobilidade (Lima e Bomfim, 2009).

Assim, Giuliani (2004, citado por Speller,2005) salienta que o apego ao lugar é marcado por afectos e emoções presentes nas relações entre pessoas e os lugares; e que

se deve ter em conta a satisfação de necessidades, o valor simbólico do lugar para as pessoas, a permanência desta relação ou mesmo a mobilidade quando é necessário, entre outros; pois o apego pode promover o bem-estar e a transformação social das pessoas.

Milligan (1998, citado por Speller,2005) define vinculação ao lugar como sendo o laço emocional formado pelo indivíduo com o espaço físico ao qual foi dado significado a partir da interação e é composto por duas componentes interligadas: o passado interaccional e o potencial internacional do lugar. Passado interaccional refere-se às experiências passadas ou memórias associadas com o lugar; o potencial de interacção é definido como as experiências imaginadas, previstas, ou futuras ou expectativas associadas com o local.

No entanto, importa referir que um importante marco na evolução da vinculação ao lugar foi alcançado por intermédio de Altman e Low, (1992, citado por Duarte e Lima, 2001) aquando da edição do livro *Place Attachmemt*, principalmente por neste se encontrarem os primeiros trabalhos empíricos que já concebem a vinculação ao lugar enquanto um processo de desenvolvimento. No capítulo introdutório, Altman e Low (1992, citado por Speller,2005) salientam que a vinculação ao lugar é um conceito integrador que envolve: padrões de vinculações (afectos, cognições prática/acções) a lugares (que variam em escala especificidade e tangibilidade); diferentes actores (indivíduos, grupos e culturas); relações sociais (indivíduos, grupos e cultura); e aspectos temporais (lineares ou cíclicos).

As pesquisas sobre as relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente, sugerem que o apego e a identidade implicam diferentes relações com o lugar, verificando-se que ao longo desta abordagem o termo identidade de lugar e vinculação ao lugar têm causado uma certa confusão.

Com a tentativa de se esclarecer a relação entre identidade e apego, surgem várias abordagens. Alguns entendem como iguais, outros entendem que um conceito inclui outro ou vice e versa; e outros com uma perspectiva de uma construção mais geral (Hernandéz et ol 2007).

A fim de clarificar e distinguir os dois conceitos referidos anteriormente, (Hernandéz *et al.*, 2007) desenvolveram uma escala que permitiu avaliar esses dois vínculos com os lugares de residência. Assim, os autores seleccionaram o que é específico para cada conceito: o respectivo nível de apego ao lugar, onde possam ser incorporados aspectos mais afectivos; e a escala de identidade com o lugar que engloba aspectos mais representativos, complementando ainda com o grau de identificação com

o lugar. Em suma, os autores foram unânimes em referenciar que para haver vinculação a um lugar, o mesmo deve envolver as componentes afecto e bem-estar.

2- Satisfação Residencial

Posteriormente ao conceito de lugares - que podem estar associados a espaços grandes (por exemplo uma localidade, grande ou pequena), mas também a espaços mais pequenos (uma praia, uma igreja ou uma casa) – torna-se relevante referenciar o conceito de satisfação residencial para compreender melhor o processo de realojamento.

Os ambientes residenciais são locais onde os indivíduos habitam; estes ambientes diferenciam-se dos laborais, escolares e institucionais pois fornecem significado e identidade ao indivíduo (Amérigo, 2000). Falar de satisfação residencial é falar de gostos e sentimentos perante lugares ou espaços em que se desenvolve uma vivência quotidiana de base residencial (Freitas, 2001).

O conceito de satisfação residencial tem sido definido de diferentes formas: alguns autores referenciam as concepções afectivas e emocionais definindo-as como a gratificação e o prazer que deriva de se viver num lugar concreto (Gold, 1980; e Anderson, 1985) mas a esmagadora maioria define-o a partir de uma perspectiva mais cognitiva, associando-o às diferenças que o indivíduo encontra entre a sua situação residencial real e suas expectativas e aspirações residenciais (Marans&Rodgers, 1975; Morrissy e Hondal, 1981; Canter e Rees, 1982; Bardo e Hughey, 1984; Weiesenfeld, 1992, citados por Amérigo, 2000). A satisfação acontece quando a avaliação da situação residencial corresponde às aspirações e expectativas.

O interesse pelo estudo da satisfação residencial começou a desenvolver-se nos finais dos anos cinquenta e princípios dos anos setenta, com trabalhos pioneiros em áreas degradadas da cidade de Boston, como são exemplo os dirigidos por Gans que mostrou que na renovação das áreas degradadas, a primazia dos habitantes valorizava mais os atributos sociais e psicológicos em detrimento dos aspectos físicos (Fried Gleicher, 1961; Hartman, 1963; Ryan, 1963, citados por Amérigo, 2000).

Através destes estudos, começaram a surgir, na década de setenta, muitas investigações de carácter psicossociológico que abordavam diversos aspectos da interacção entre o sujeito e o seu meio residencial.

Uma questão comum a estes investigadores é a relação da satisfação com o ambiente residencial, como uma variável de especial relevância, desde o ponto de vista

metodológico. Weideman e Anderson (1985, citado por Américo,2000) distinguem duas perspectivas: a primeira consideram-na como uma variável critério de qualidade de vida de um indivíduo e o colectivo, com o objectivo de estabelecer preditores de satisfação e guiar assim a planificação residencial (Marans& Rodgers, 1975; Galster e Hesser, 1981; Weidemann, Anderson, Butterfield, & O'Donell, 1982; Américo e Aragonés, 1990; Weisenfeld, 1995, citado por Américo,2000) e a segunda consideram-na como uma variável preditora de determinados comportamentos e acções tais como a mobilidade residencial, a modificação do ambiente residencial e o desenvolvimento de certos mecanismos cognitivos como a modificação de aspirações geradas por novas necessidades residenciais (Speare, 1974; Morris,Crull& Winter,1976; Newman & Duncan,1979; Tognoli,1987, citados por Américo e López, 2010).

No estudo da satisfação residencial é imprescindível falar-se das suas dimensões: satisfação com a casa, com o bairro e com os vizinhos (Américo, 2000). Trata-se de três dimensões associadas mas que não são sempre consistentes. Podemos residir numa casa fantástica, num bairro com o qual não nos identificamos. Ou, pelo contrário, podemos estar muito bem integrados na rede de vizinhos e não gostar do espaço físico da casa em que habitamos.

2.1 - Satisfação com à Casa

A casa, no seu sentido mais comum, é uma parede artificial construída por um ser humano onde a função é constituir-se um espaço de moradia para um indivíduo ou conjunto de indivíduos, onde estejam protegidos de fenómenos externos. No entanto, o conceito casa também pode ser descrito como a construção natural de uma dada sociedade.

Para abordar os diversos estudos realizados em torno do conceito casa, torna-se pertinente ter em atenção as dimensões que Altman e seus colaboradores utilizaram para descrever este ambiente como sugere Américo (2000). Assim, os autores consideram cinco dimensões:

1. Permanente vs. Temporária - os padrões de comportamento dentro das casas serão diferentes se se tratar de casas fixas ou se estas forem móveis, tal como tendas de campanha temporárias podem também ser consideradas, por exemplo, casas de contrato (aluguer).

2. Diferenciada vs. Homogénea - esta dimensão faz referência ao grau de especialização que contém as diversas partes da casa, por exemplo, as casas europeias e norte-americanas são altamente diferenciadas como salientam os autores; cada parte da casa cumpre com a sua função (quarto, cozinha, sala de jantar, sala de estar etc). Ainda assim existem outras culturas que preferem ambientes mais homogéneos, como referem os autores Bell, Greene, Fisher e Baum (1996, citado por Américo (2000) que recorrem a diversos estudos onde observam diversos grupos culturais tais como os pigmeos e os navajos que estão fixados num mesmo espaço onde se executam diversas tarefas. Obviamente que o grau de diferenciação da casa influencia notavelmente as condutas relativas à intimidade e à territorialidade como salienta Gifford (1987, citado por (Amerigo 2000; Américo & López 2010).

3. Comunal vs. Não comunal - A terceira dimensão faz referência à existência ou não, de uma casa mista partilhada pelos membros de uma família nuclear; em geral, as famílias ocidentais tendem a desagregar-se e a procurar novos lugares por conta própria. Contudo, em muitas culturas é habitual que várias gerações partilhem a mesma casa, Gifford (1987, citado por (Amerigo 2000; Américo & López 2010) como é o caso da cultura Africana.

4. Identidade vs. Comunalidade - Na perspectiva de Gifford (2007), citado por Américo e López (2010), o primeiro polo representa os interesses e as necessidades próprias dos residentes; e o segundo está interligado com o estereótipo partilhado por uma cultura determinada, por exemplo, uma casa com celeiro seria alta em identidade e baixa em comunalidade.

5. Aberta vs. Fechada - Esta quinta dimensão faz referência ao grau de abertura das casas que, comparativamente às dimensões anteriores está mais determinada por factores culturais. Ou seja, ela varia em função do estatuto sociocultural relacionada com a diferenciação da parte frente/atrás do espaço residencial. Deste modo, para algumas culturas os aspectos mais privados realizam-se na parte de trás da casa enquanto que a zona de frente é reservada para actos mais públicos. Neste caso, é fácil compreender a tradicional distribuição do espaço de

uma casa: onde o hall e o salão se situam na parte de frente da casa e os dormitórios na parte de trás.

Raport (1978, citado por Américo, 2000) salienta que para alguns estatutos ou povos, o que é público pode ser para outros privado; isto é - os quartos, por exemplo, num estatuto sociocultural baixo irão encontrar-se na parte da frente das suas vivendas, enquanto que nos estatutos mais elevados são considerados completamente privados, e portanto realizados na zona traseira.

2.2- Satisfação com o Bairro

Na visão de McAndrew (1993, citado por Américo, 2000), o bairro pode significar muitas coisas para diferentes pessoas, isto porque não existe uma definição consensual. O autor designa bairro como a área intermédia de organização social entre a casa e a cidade que permite aos indivíduos desenvolverem os sentimentos de comunidade e de pertença. A dimensão bairro torna-se ainda mais confusa pelos termos muito similares a que se referem os diferentes autores (comunidade, distrito, bairro), usando assim estes termos sem estabelecerem os seus limites exactos e sem dar uma definição adequada dos mesmos.

Alguns autores como Marany e Rodgers s.d.(citado por Américo, 2000) quanto ao conceito de bairro distinguem o macrobairro e o microbairro – o primeiro refere-se a distritos oficialmente considerados, tomando como referência as principais vias públicas que o atravessam; e o segundo é considerado uma zona imediata da casa, isto é, formada aproximadamente por umas seis casas.

Em termos gerais, a maioria dos trabalhos que se centram no estudo dos ambientes residenciais, como refere Américo (2010), consideram o bairro como uma zona intermédia entre o macro e microbairro, compreendendo uma área mais ou menos ampla, próxima da casa do indivíduo que fornece a este uma série de serviços e onde se estabelecem laços de amizade com os que habitam no mesmo bairro. No entanto, o conceito de bairro não pode responder a uma definição precisa por se tratar de uma categoria pessoal, ou seja, os próprios residentes é que devem decidir como o classificar. Portanto, o bairro apresenta uma dimensão física, relativa à área que compreende os equipamentos e uma dimensão psicossocial.

Quanto à dimensão física do bairro poderá entender-se como a área próxima da casa em que existem determinados serviços e equipamentos tal como de saúde

(hospitais, ambulatórios, farmácias, etc); recreativos (desporto, zonas verdes, clubes. etc.); comerciais, culturais e religiosos. Os indivíduos podem distrair-se e estabelece uma relação de interdependência determinada pelas actividades que aí se realizam. Na perspectiva psicossocial, o bairro é uma zona que permite o estabelecimento das redes sociais entre os habitantes, estes possuem um certo sentimento de pertença com o bairro como refere Fried (1986, citado por Américo 2000).

A dimensão psicossocial do conceito de bairro foi determinada empiricamente nos trabalhos como os de Weenig, Schmidt e Midden (1990, citado por Américo, 2000). Os referidos autores estabelecem uma tipologia de bairros em função do grau de proximidade (que reflecte a quantidade de vínculos comunicativos do bairro) e a rede social do bairro (que reflecte principalmente a qualidade dos vínculos do bairro).

2.3- Satisfação com os Vizinhos

De acordo com Américo (2000), os vizinhos são designados como a última dimensão da definição do ambiente residencial. O estudo desta componente centra-se em determinar até que ponto o desenho das casas e do bairro podem afectar os padrões de interacção dos residentes, isto é, a proximidade entre os vizinhos e o sentimento de comunidade.

Quanto ao factor proximidade entre os lugares em que a pessoa ocupa, podem destacar-se dois tipos que conduzem a consequências sociais favoráveis: o primeiro diz respeito à distância física objectiva entre os indivíduos. Os estudos clássicos como os levados a cabo por Festinger, Shachter e Back (1950, citado por Américo, 2000) salientam que quanto menor é a distância física entre os indivíduos, mais probabilidade existe dos indivíduos serem amigos, assim, os indivíduos que partilham um mesmo edifício têm mais possibilidades em se tornarem amigos. Mas por outro lado a distância física não é o único preditor da amizade, uma vez que existe outro tipo de proximidade (chamada distância funcional) que corresponde à probabilidade dos indivíduos entrarem em contacto frequente por laços de trabalho ou de família. Assim, a distância funcional prediz que os vizinhos que vivem em diferentes andares mas que tenham a caixa de correio no mesmo lugar acabam por ser amigos.

Lima (2000) salienta que a interacção entre os vizinhos não acontece igualmente em todos os bairros, havendo alguns factores que facilitam a interacção e a criação de um espírito de sociabilidade entre vizinhos. Por exemplo, os bairros socialmente

homogéneos favorecem a interacção porque o ser humano, em geral, gosta de se relacionar com pessoas com gostos e interesses semelhantes, que partilham o mesmo estilo de vida. A autora menciona também que há outros factores que favorecem a criação de redes sociais de vizinhança, como é o caso das características do espaço e a arquitectura do bairro, como por exemplo a existência de ruas mais estreitas, mais pequenas, os largos e os pequenos jardins ou praças.

Bell *et al.* (1996) citado por Américo (2000) mostra que a qualidade da relação com os vizinhos é um aspecto muito importante na qualidade de vida dos indivíduos. A existência de inimizades entre vizinhos (com ruídos, berros, cheiros e, de uma maneira geral, perturbação da tranquilidade) pode estragar a qualidade percebida do ambiente residencial.

3- Relação entre a vinculação ao lugar e a satisfação residencial

Apesar de estarem relacionados, o conceito de vinculação ao lugar distingue-se do de satisfação residencial em três dimensões: a) o conceito de vinculação ao lugar é mais abrangente, uma vez que se pode referir a um espaço residencial ou não; b) o conceito de vinculação ao lugar é enquadrado teoricamente como uma variável de cariz basicamente afectiva, enquanto que a satisfação residencial inclui claramente dimensões cognitivas; e c) a vinculação ao lugar tem sido desenvolvida numa perspectiva holística e frequentemente clínica, muito ligada ao auto-conceito do indivíduo e do grupo, ao contrário da satisfação residencial que tem sido abordada como uma variável resultado, um indicador parcelar da qualidade de vida, extremamente instrumental para orientar alterações no espaço.

4 - Impactos do Processo de Realojamento

A mudança de espaço residencial é sempre uma fonte de stress. Só quem nunca mudou de casa é que pode desvalorizar as dificuldades por que passam as pessoas nesta situação. Apesar de ser sempre uma situação complicada, a maioria das situações de mudança residencial é vivida de uma forma positiva. Frequentemente as mudanças residenciais são voluntárias e correspondem a mudanças de projectos de vida (por exemplo, casamento, saída de casa dos pais) ou a alterações das condições de vida (uma promoção ou o nascimento de filhos). Nessas situações, a investigação tem mostrado

que as dificuldades encontradas durante o processo de mudança são rapidamente ultrapassadas.

No entanto, nem todas as mudanças residenciais são voluntárias ou fazem parte dos planos de vida dos indivíduos. As situações de realojamento forçado - quando as pessoas são obrigadas a mudar de espaço residencial por imposição exterior - levantam problemas acrescidos à mudança de casa. Estes casos referem-se ao realojamento de comunidades por alteração da utilização do espaço (por exemplo, para construir uma auto-estrada, para construir uma barragem) ou, como é o caso em estudo, para a melhoria das condições físicas em que as famílias residem. Os estudos feitos neste domínio vêm mostrar que existe frequentemente uma factura psicológica a pagar nessas situações.

O estudo pioneiro já referido de Fried (1953, citado por Speller, 2005) “*Grieving for a lost home*” mostra que a perda de um lar de que se gosta muito pode despoletar «uma resposta de pesar que apresenta a maioria das características do pesar e do luto pela perda de uma pessoa» (pag.167). Neste contexto, o autor analisou experiências de realojamento daqueles que foram obrigados a mudar-se para fora do anterior «bairro degradado» da classe de trabalhadores de *West End* em Boston. O autor estabeleceu a importante ligação entre a perda de lugar e a perda de um ente querido, salientando o papel central que o lugar pode representar no bem-estar de um indivíduo. O autor refere ainda que tempos posteriores à mudança, a este processo de perda, os sujeitos manifestavam sinais de luto por sentirem o anterior bairro o ‘bairro memória’ como referem outros - como extensão da sua própria casa com que mantinham relações emocionais fortes, vinculantes. Por perderem as suas redes de relações sociais, por estarem coagidos a reaprender *quem eram num novo lugar, com gente desconhecida*; sofreram como aqui pretendessem demonstrar roturas identitárias e foram obrigados a reedificar referências relacionais, exteriores e emocionais. Neste contexto o realojamento foi vivido com dor e luto, principalmente por aqueles que mais ligações sociais mantinham. O luto e o pesar que desenvolveram equivale, como confirma Fried (1953, citado por Speller,2005), à perda de uma comunidade.

Milligan (1998, citado por Speller,2005), no estudo sobre uma *translação forçada* (do ponto de vista dos observadores) evidenciou os impactos de outro tipo de mudança, a de espaços partilhados, ou públicos, podendo assemelhar-se quase à noção de ‘não lugares’ para quem apenas acompanha do exterior. O estudo da autora é descrito

com base numa perspectiva do interaccionismo simbólico e analisa as experiências da equipa de funcionários de um bar de estudantes, resultantes da sua translocação.

A autora actuou como «observador participante» ao trabalhar no café durante quatro meses antes da mudança e 18 meses após a mesma.

Milligan (1998, citado por Speller,2005), refere dois aspectos das características físicas do velho e do novo café, os quais dão origem a potenciais de interacção diferentes: i) a disposição dos dois locais oferece oportunidades bastante diferentes para o contacto social com outros funcionários; e ii) o ambiente dos dois locais era diferente, principalmente a decoração e o mobiliário, dando origem a expectativas diferentes sobre o comportamento e a satisfação com o lugar. Estes valores foram entendidos como representativos de diferentes valores e *ethos*.

Desta forma, os empregados referiram que o «ambiente do novo café» não permitia o mesmo tipo de comportamentos que tinham tornado o café antigo tão agradável; «não era um lugar que se desejassem apegar, uma vez que o mesmo tipo de coisas não podiam nele acontecer» (p.25). Nesta perspectiva, os significados dados aos locais físicos originam-se nas interacções pessoa a pessoa que aí decorrem. Assim, os lugares são construídos tanto social como fisicamente.

Os resultados de Milligan (1998, citado por Speller,2005) sugerem que podem existir processos básicos quando existe uma perda de lugar; os quais são universais em diferentes contextos.

Paralelamente, Speller (2005) investigou o realojamento forçado de uma comunidade mineira no Reino Unido (ArkwrightTown), monitorizando o processo de realojamento num período de seis anos, demonstrando como o *luto pela perda da comunidade*, transforma a *vinculação ao local* que era *colectiva (comunitária,)* a *peçoal* (focada na casa e já não no Bairro).

Em Portugal, segundo Lima, (2000), esta dimensão é referida igualmente em algumas pesquisas como a de Luís Soczka, s.d, citado por Lima,(2000) que salienta a importância das relações vicinais no âmbito do Bairro da Musgueira - Sul de Lisboa, onde as redes sociais de apoio mais importantes se situavam a menos de três portas de casa. O mesmo tipo de relacionamento é descrito por Fátima Bernardes e Maria João Borges s.d, citado por Lima, (2000) no caso do realojamento do grupo de idosos que acompanharam em habitações degradadas do Bairro da Liberdade (Lisboa) - «Se a construção do Eixo Norte-Sul implicou o realojamento noutra parte da cidade, em

melhores condições de habitabilidade, todavia nada compensou psico-socialmente devido à falta de identidade neste novo contexto».

Num artigo de revisão dos efeitos dos realojamentos forçados, Heller (1982) refere: a) o aumento da mortalidade, especialmente entre os mais velhos e nas pessoas com deficiência mental, embora estes resultados estejam muito dependentes das condições do novo espaço; b) o aumento das queixas ligadas à saúde física, associados ao aumento de sentimentos de desespero e à diminuição da actividade física e dos contactos sociais; e c) o aumento dos sintomas psicológicos e a diminuição dos indicadores de satisfação com a vida. De facto, nos estudos em que se comparou comunidades forçadas ao realojamento com os grupos que ficaram no bairro ou com grupos de características semelhantes não realojados, verificou-se nos realojados níveis mais baixos de satisfação com a vida (Brand and Smith, 1974, citado por Heller, 1982) e menos contactos sociais (Mogey, 1955 citado por Heller, 1982).

Apesar da perspectiva dominante na literatura ser a de que os realojamentos forçados estão associados a impactos negativos tanto ao nível da saúde física como da saúde mental, alguma pesquisa vem, a partir dos anos 80, desafiar esta perspectiva. Por exemplo, Stokols e Shumaker (1982) abordam a relação da mobilidade de residência com a saúde numa perspectiva contextual, defendendo que esta mudança não resulta necessariamente numa experiência negativa; a mesma sucederia apenas quando o processo de realojamento é realizado sem envolver as pessoas e quando não leva em consideração a possibilidade de escolha das famílias ou cria expectativas desajustadas relativamente à nova situação residencial.

O realojamento forçado pode ser uma situação que traz oportunidades e riscos (Hormuth, 1990; Weiss, 1990). Neste sentido, Margarida Marques (1998) que acompanhou o realojamento do vale de Algés para a Outurela, salienta também a oportunidade da melhoria de vida trazida pelo realojamento que é particularmente relevante em determinados momentos da trajetória de vida, nomeadamente no início da adultez. Bernardo e Palma (2005) também verificaram - num estudo de *follow-up*, seis anos após o realojamento forçado de um bairro degradado - que as pessoas que não tiveram possibilidade de voltar para casas reconstruídas no mesmo local onde se encontrava o bairro original tinham sinais de pior ajustamento psicológico à situação.

Os estudos de revisão de literatura sobre os factores envolvidos no tipo de impactos nos residentes sujeitos ao realojamento forçado incluem, de acordo com Heller (1982): i) algumas características individuais dos realojados (como a idade, a saúde

física anterior, ou o nível de rendimentos) parecem moderar estes efeitos, até porque são recursos pessoais importantes na reacção a uma situação de stress. Assim, entre os mais novos, os mais saudáveis e os mais ricos há menos impactos do realojamento forçado; ii) algumas características da forma como é percebida a situação (como o nível de participação no processo e a preparação para a mudança) influenciam os impactos. Sime (1986, citado por Speller, 2005) salienta que quando há envolvimento no projecto de realojamento e na apropriação dos futuros espaços residenciais, os efeitos são menos negativos; e iii) alguns aspectos ligados à qualidade dos novos e dos velhos espaços residenciais. De facto, há um grupo importante de pesquisa que mostra que pessoas com baixos rendimentos, com uma forte vinculação ao espaço residencial anterior e aos vizinhos e que dependiam muito do espaço público (rua) para as suas interacções sociais e para o seu tempo de lazer terão maior dificuldade em se adaptarem a projectos residenciais que privilegiam a qualidade dos espaços privados.

5 - Objectivos e Hipóteses

Como ponto de partida para a presente investigação formularam-se as seguintes questões:

- Como é que as pessoas realojadas avaliam o processo de realojamento?
- Qual é a relevância da vinculação ao lugar neste processo?
- Quais seriam as implicações do realojamento no seu bem-estar?

Na presente investigação procurou-se compreender o impacto psicossocial do processo de realojamento nas pessoas realojadas no Zango III. Deste modo, é esperado que este objectivo seja respondido através dos seguintes objectivos específicos:

- Identificar as implicações do processo de realojamento no bem-estar deste grupo. Isto prende-se com a avaliação que fazem quanto à melhoria da sua qualidade de vida pós realojamento.
- Partindo da importância que tem a vinculação ao lugar, pretende-se saber se as implicações do realojamento são diferentes para residentes com diferentes níveis de vinculação ao lugar. Com este objectivo procurámos verificar a importância que têm as variáveis como, vinculação à casa, ao bairro e à vizinhança, neste processo.

Tendo em atenção as questões de investigação, os objectivos formulados e a revisão de literatura efectuada, surgem as seguintes hipóteses:

- H1- Baseado nos trabalhos de Fried (1953) e de Speller (2005) espera-se que quanto mais os indivíduo estiverem vinculados à casa anterior, pior será a atitude face ao processo de realojamento.
- H2- Fundamentado nos trabalhos de Bernardo & Palma (2005), perspectiva-se que quanto maior a vinculação ao bairro actual, melhor será a adaptação à mudança.
- H3- Tendo por base os trabalhos de Lima (2000) espera-se que quanto mais positiva for a relação com a vizinhança na nova casa, maior será a qualidade de vida das populações.

6 - Descrição do caso de estudo

Para uma melhor compreensão do campo de pesquisa, realizou-se uma breve contextualização dos bairros de origem dos residentes e do Zango III.

6.1 - Os bairros de origem

Boavista - É um dos bairros do Município da Ingombota. Apesar de ser um dos municípios com menor território, tem uma densidade populacional muito elevada, cerca de 29,625 hab/km. Neste bairro já se registaram várias vezes deslizamentos de terra que provocaram a morte de alguns moradores.



Figuras 1.1 - Imagens do bairro da Boavista.

Largo das escolas - As populações oriundas deste local viviam no quintal da escola, onde construíram as suas casas sem saneamento e muitas delas com casas de banho em comum; na sua maioria os compartimentos eram pequenos.



Figuras 1.2 - Imagens da escola NgolaKanini

Município do Cacuaco – É um dos Municípios com predominância rural, densamente mais reduzida, apesar de ser uma das maiores zonas de ocupação e extensão da província, tem menor população em relação a outros Municípios, com apenas 3,45% do total da província de Luanda.



Figuras 1.3 - Imagens do Município do Cacuaco.

Município do Sambizanga – É o Município com maior densidade populacional, com cerca de 146,647 hab/km, albergava o maior mercado informal de África; mercado que foi extinto e as populações ao seu redor passaram a residir no actual Zango III.



Figuras 1.4 - Imagens do Município do Sambizanga.

Importa referir que os bairros de origem apresentam características muito comuns, casas de autoconstrução sem saneamento básico, população de baixa renda, na sua maioria apresentam um agregado familiar extenso, as ruas na sua maioria são suportadas por criação de becos, são bairros onde se registam muitos problemas de saúde pública, criminalidade, deslizamento de terra, entre outros factores. No entanto, para melhorar a qualidade de vida destas populações o realojamento foi a única opção.

6.2- O Zango

O Zango é um dos bairros mais extensos da província de Luanda, e está situado no Município de Viana, a 45km do centro da cidade. O Zango existe há cerca de onze anos e foi criado no âmbito das políticas governamentais. Mais tarde, o novo bairro social passou a realojar moradores que viviam noutras áreas de risco existentes na província de Luanda. Numa primeira fase foram realojadas 800 famílias (Habitação e Urbanismo, 2007).

Hoje, o Zango cresceu e está organizado em Zango I,II,III e IV e o número total de população residente é de cerca de 89,616 populares. O Zango III que constituiu o nosso campo de pesquisa, alberga a maior fatia de população – cerca de 24,648, populares e 4,108 casas executadas. Este número sofre constantes alterações, uma vez que quase todos os dias têm sido feitos realojamentos de populações vindas das áreas de reconversão urbana ou em situação de risco. Estes dados foram actualizados até 12 de Julho de 2012 pelo Programa de Realojamento das Populações (PRP).

Em termos de infra-estruturas, o Zango tem rede de distribuição de água e rede de distribuição de energia que no entanto não funcionam numa base regular diária principalmente a rede de distribuição de água. Durante a pesquisa de campo constatou-se que o Zango III ainda não oferece as reais condições que a população necessitava, como escolas, centros de saúde, esquadra da polícia, mercado, etc.

As casas do bairro Zango III têm os seguintes compartimentos: sala, cozinha, dois quartos e uma casa de banho; e os moradores têm a responsabilidade de fazer acabamentos tais como: O reboco das paredes, o acabamento do chão, a pintura interna e vedação do quintal.



Figura1. 5 - Imagens do bairro de realojamento (Zango III).

7- Comparação entre as características do antigo e do novo bairro

As casas dos bairros de origem na sua maioria eram feitas de materiais improvisados, não tinham saneamento básico e tinham condições de abastecimento eléctrico muito precário. No entanto, havia uma série de equipamentos que permitiam a vida da comunidade: lojas, mercados, escolas, igrejas e as pessoas interagiam no espaço público. Relativamente às relações de vizinhança, elas estavam claramente definidas, nos bairros de origem.

O processo de realojamento não levou os vizinhos juntos, pelo que as redes sociais de apoio perderam-se na mudança.

No Zango as casas dispõem de algumas condições (saneamento básico, casa com compartimentos bem distribuídos) que permitem melhorar a qualidade de vida destas populações. Por outro lado, o acesso às instituições é deficitário, os espaços de lazer comuns ainda não estão construídos; o que não favorece a interacção entre a vizinhança, uma vez que os moradores actuais são oriundos de bairros diferentes. Esses espaços facilitavam a aproximação e davam a possibilidade de uma melhor adaptação e consequente vinculação ao novo contexto habitacional.

Utilizando as dimensões indicadas anteriormente para a descrição das casas, comparámos na tabela seguinte os atributos das casas nas duas situações: Quadro nº: 1.

Quatro 1.1 - Comparação entre as características do antigo e do novo bairro

	BAIRRO ANTERIOR	ZANGO
Temporárias vs. Permanentes	As casas nos bairros de refugiados de guerra foram construídas como residências temporárias, mas acabaram por se transformar em permanentes para muitas famílias.	O Bairro do Zango pretende ser um bairro de habitações permanentes.
Diferenciada vs. Homogénea	As casas eram, em geral, muito pequenas e pouco diferenciadas.	Espaço diferenciado com sala, cozinha, quartos e casa de banho.
Comunal vs. Não Comunal	As casas acolhiam famílias alargadas.	As casas destinam-se a famílias nucleares.
Identidade vs. Comunalidade	As casas foram construídas segundo o interesse e necessidades dos moradores sem qualquer aprovação de projecto por parte do Estado.	As casas partiram de um projecto pré-estabelecido pelo Estado ao qual os moradores não podem fazer alterações segundo as suas necessidades e interesses.
Aberta vs. Fechada	As casas eram mais fechadas onde as actividades públicas ou privadas eram realizadas na parte frontal da casa	As casas são mais abertas as actividades públicas e privadas são realizadas na parte traseira da casa.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

2 – MÉTODO

Para a elaboração do enquadramento teórico foram utilizadas bibliografias ou dados já existentes sobre a problemática a estudar. No entanto, através do trabalho de campo que recorre a um contacto mais directo com as pessoas e os lugares, as informações são baseadas nas opiniões dos que estão permanentemente no terreno; o que permite dar relevo ao tema e estudo em questão.

Desta forma, neste capítulo, na presente investigação será enunciado: o método utilizado, a selecção da amostra, os procedimentos, os instrumentos, a análise estatística, e os resultados da pesquisa.

2.1 - Selecção da Amostra

Para atingir os objectivos deste estudo e dar resposta às questões de investigação propostas, seleccionou-se uma amostra de participantes que vivenciaram o processo de realojamento e que actualmente são moradores do Zango III. A escolha deste bairro teve como principal causa o facto do mesmo ser o primeiro bairro construído para as populações realojadas; isto é, populações que viviam em situação de risco e/ou fugidas das suas áreas de origem por conflitos armados, vividos anteriormente; por comportar um maior número de realojados vindos de diferentes bairros antigos; e ser um território grande com populações muito heterogéneas a vários níveis (cultural, crenças, escolaridade) o que permitiu obter uma amostra mais significativa.

Para o efeito, foram estabelecidos alguns critérios de selecção dos participantes: idade igual ou superior a 18 anos; terem passado pelo processo de realojamento; serem moradores do Zango; serem proprietários de uma residência.

Assim, não fizeram parte do estudo, todos aqueles que viviam no bairro do Zango como arrendatários das residências.

2.2 -Participantes

O estudo contou com a participação de 72 participantes; uma vez que a amostra foi intencional, os dados recolhidos integram indivíduos que residem no bairro do Zango provenientes de vários bairros que foram abrangidos pelo programa de realojamento das populações (PRP), com idades compreendidas entre 18 e 75 anos, (M= 39,60 anos e DP= 12,586) sendo que 62,5% do sexo masculino (N=49) e 37,5% do sexo feminino (N=30), (Gráfico 2 .1).

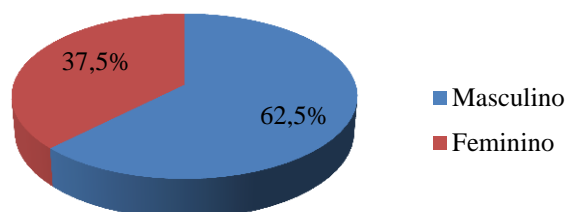


Gráfico 2.1 –Sexo dos participantes

Relativamente ao estado civil, a maioria dos participantes indicaram viverem em união de facto 51,4%, sendo que 26,4% eram casados, 12,5% solteiros, 8,3% viúvos e em menor percentagem os divorciados com 1,4%. (Gráfico 2. 2)

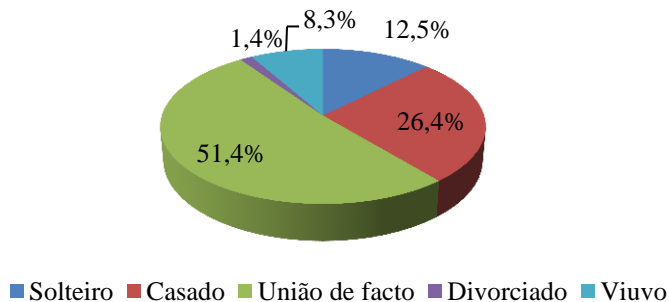


Gráfico2. 2- Estado civil dos participantes

Quanto aos dados obtidos em relação ao nível de escolaridade, 34,7% dos participantes tem o 2º ciclo e os restantes 30,6%, 19,4%, 11,1%, tem nível inferior ao 2º ciclo; com 4,4% que afirmam ter a licenciatura e apenas 2,8% tem o mestrado.(Gráfico 2.3)

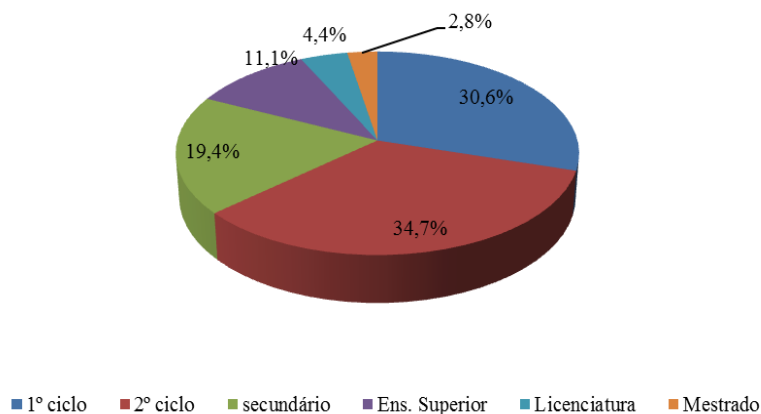


Gráfico 2.3- Escolaridade dos participantes

No que concerne aos dados relativos à situação laboral dos participantes, verificou-se que 45,8% estão empregados e 33,3% desempregados; 16,7% foram caracterizados como outros, representando assim as ocupações praticadas no mercado informal - vendedores ambulantes, lavadores de carros nas ruas, comerciantes de trocas de dinheiro na rua, etc.

Em menor percentagem estão os reformados com 4,2% devido à esperança média de vida nos Países Africanos ser baixa (até aos 48,2 anos), em particular em Angola, segundo dados da Organização das Nações Unidas (2010). O que significa que os indivíduos trabalhadores muitas vezes não chegam a gozar o seu estatuto de reformado. (Gráfico 2.4)

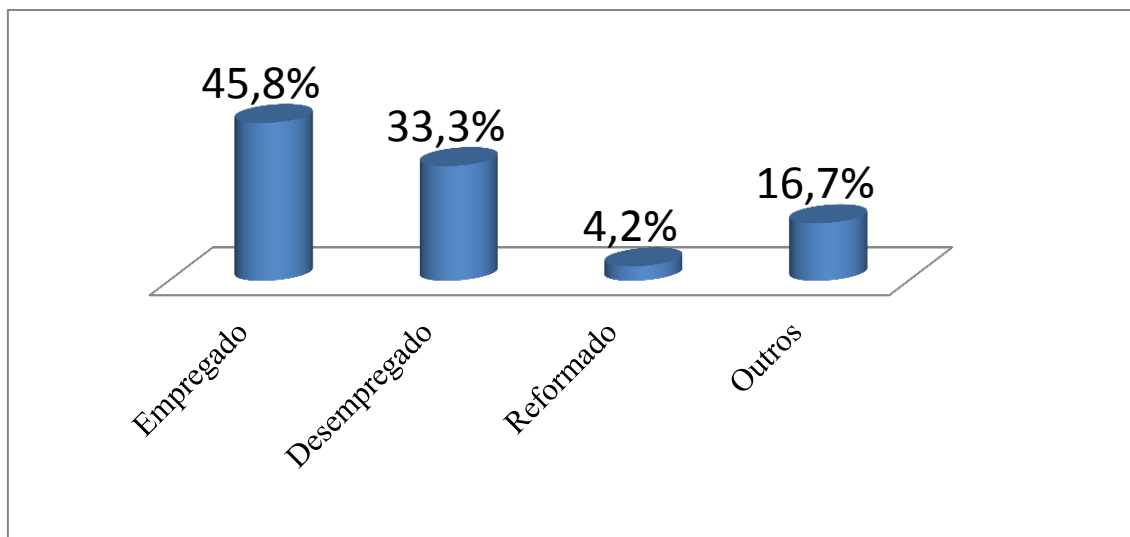


Gráfico 2.4 – Situação laboral dos participantes

No que diz respeito ao número de elementos pertencentes ao agregado familiar, verificou-se que existem agregados compostos por um número elevado de elementos variando entre 1 a 11 elementos por família; em média 5 elementos por família, ($M=5,26$; $DP=2,02$). (Quadro nº 2.1).

Quadro 2.1 - Nr pessoas do agregado

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Número de pessoas do agregado	72	1	11	5,26	2,021

No que se refere ao número de pessoas com quem os participantes viviam antes e com quem vivem actualmente, antes 79,17% dos participantes afirmaram que vivem com a mulher e filhos e 95,83% dizem que vivem com os filhos, ao passo que actualmente 81,94% das famílias dizem viver com a mulher e 87,50% afirmam viver só com os filhos, se notarmos as percentagens antes e depois do alojamento alteraram tendo em conta a distância e a falta de infra-estruturas em funcionamento no Zango. (Quadro nº2.2).

Quadro 2.2 - Com quem vivia antes/Agora?

	Antes		Agora	
	Freq.	%	Freq.	%
sozinho	0	0,00	1	1,39
marido	57	79,17	59	81,94
filho	69	95,83	63	87,50
mãe	5	6,94	4	5,56
sogro	4	5,56	6	8,33
irma	10	13,89	9	12,50
netos	8	11,11	6	8,33
outros	8	11,11	8	11,11
outras	4	5,56	2	2,78

2.3. Procedimentos

Para o estudo do presente trabalho, endereçou-se, inicialmente, uma carta dirigida ao gabinete técnico de reconversão Urbana (GTRUCS), no mês de Setembro do ano de 2011. Posteriormente, foi encaminhada nova carta para o Departamento do PRP, ou seja, o Programa de Realojamento Das Populações, a fim de obter uma autorização para pesquisa de campo. Em função deste processo, foi solicitada por parte do Departamento em questão a apresentação do questionário a ser aplicado para devida apreciação.

Não se verificou qualquer alteração no questionário sendo que o mesmo foi autorizado em Janeiro de 2012. A implementação do questionário teve início no dia 12 do mês de Março, onde foi proposto, em regime de estágio, um acompanhamento rigoroso com as equipas do PRP durante as primeiras semanas.

Sendo assim, a referida pesquisa teve duração de um mês. Após o estágio com a equipa do PRP, realizaram-se as primeiras observações no campo sem contacto directo com os moradores durante três dias. Na semana seguinte, procedeu-se ao pré-teste a 5 moradores do bairro; através do questionário e das escalas referidas, com o objectivo de

perceber se as questões propostas eram facilmente compreendidas e se haviam dúvidas por parte dos participantes, uma vez que o mesmo era utilizado pela primeira vez na população Angolana. A resposta dos participantes foi positiva, pois não revelaram qualquer problema de compreensão em relação ao questionário que posteriormente foi aplicado à população em estudo.

As aplicações dos questionários foram feitas nas residências dos moradores, com a duração de 10 minutos e garantia do anonimato das respectivas respostas.

A população participou de livre vontade, acção que foi notada na colaboração que os mesmos tiveram para o preenchimento dos questionários. Previamente à aplicação dos mesmos fazia-se uma breve explicação do que se lhes era pedido; em algumas situações os participantes recusaram preencher o questionário, alegando falta de tempo, desconfiança quanto à finalidade dos resultados, etc. Assim, foi necessário a aplicação em forma de entrevista e pelas dificuldades que alguns apresentavam em escrever ou responder em português (umbundo), falava-se na sua língua materna para melhor compreensão.

A aplicação do questionário/entrevista foi realizada por duas entrevistadoras angolanas.

As entrevistadoras registavam os comentários dos entrevistados durante a resposta ao inquérito.

Finalmente, as respostas aos questionários formaram dados, a partir dos quais foram realizadas diferentes análises estatísticas, através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 18 para Windows.

2.4. Instrumento

Com o objectivo de estudar o processo de realojamento e a melhoria da qualidade de vida das populações do Zango, optou-se pela construção de um questionário repartido em quatro partes: 1) caracterização pessoal dos participantes do estudo, isto é idade, sexo, estado civil e a situação laboral; 2) caracterização do realojamento; 3) satisfação residencial e vinculação; e 4) bem-estar.

2.4.1. - Caracterização do realojamento

Para a avaliação do realojamento elaboraram-se uma série de perguntas relativas à caracterização do processo de realojamento, como por exemplo: “*Com quem vive actualmente?*”; “*O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?*”; “*Há quanto tempo foi realojado?*”; “*Com quem vivia antes do realojamento?*”; “*Quanto tempo viveu no bairro anterior?*”; “*Como foi feito o processo de realojamento?*” “*Quanto tempo teve para mudança do bairro anterior para o bairro actual?*”.

Foram incluídas também duas perguntas para quantificar a avaliação global do processo de realojamento. Perguntou-se “*como correu o processo de realojamento*” com resposta que variava entre 1 a 5, onde 1 correspondia a *muito mal* e 5 correspondia a *muito bem*; e “*como foi a experiência do realojamento*” com respostas entre 1 e 5, onde 1 correspondia a muito negativa e 5 correspondia a muito positiva. Estes dois itens estavam associados com um *Alfa de cronbach* de 0,816, que representa um valor elevado. Construiu-se um indicador com base na média destes dois itens, que corresponde à avaliação do realojamento. Valores elevados neste indicador correspondem a uma avaliação positiva do processo de realojamento, enquanto valores baixos correspondem a uma avaliação negativa.

Incluímos nesta parte ainda algumas perguntas sobre a ajuda que os participantes em estudo tiveram durante a mudança. Incluiu-se um item para o apoio das instituições: “*até que ponto teve apoio das instituições?*” Que variava de 1 a 5, onde 1 correspondia a *nenhum apoio* das instituições (governo) e 5 corresponde a *muitíssimo apoio* das instituições.

Dois itens para avaliar o apoio dos familiares e amigos como por exemplo “*até que ponto teve apoio da família e dos amigos?*” que variava de 1 a 5 onde 1 correspondia a *nenhum apoio* e 5 a *muitíssimo apoio*. Estes dois indicadores apresentam um *Alfa de Cronbach* de 0,657 o que é considerado adequado.

Incluiu-se também um item para avaliar os participantes acerca da mudança com os seus vizinhos mais próximos do bairro anterior, o item em questão tinha três opções de resposta: 1) *com todos os vizinhos*; 2) *só com alguns vizinhos*; e 3) *sem nenhum vizinho*.

2.4.2 - Satisfação residencial e vinculação ao lugar

Para medir a opinião sobre a satisfação residencial optou-se pela utilização da escala adaptada de Américo (1995) que inclui três itens: “*até que ponto está satisfeito com os seguintes aspectos do seu alojamento: com a casa, com o bairro e a cidade.* A resposta foi pontuada com os valores de 1 a 5, onde 1 corresponde a *nada satisfeito* e 5 corresponde a *muito satisfeito*. Estas perguntas foram efectuadas duas vezes: para o bairro actual e o bairro antigo. O valor do *Alfa de Cronbach* para a Satisfação Residencial Actual foi de 0,863 e para a Satisfação Residencial Anterior foi de 0,726. Como ambos os valores eram elevados, construíram-se indicadores de satisfação residencial, com base na média dos 3 itens. Valores elevados neste indicador correspondem a uma avaliação positiva da satisfação residencial, enquanto que valores baixos correspondem a uma avaliação negativa.

Para avaliar a vinculação à casa anterior e à casa actual, optou-se pela adaptação da escala de vinculação ao lugar de Hidalgo & Hernández (2007). Incluíram-se itens relativos tanto à ligação ao espaço físico como ao espaço social. Para medir a vinculação à casa anterior utilizaram-se quatro itens: “*Sentia-me feliz na casa anterior*”; “*Sentia-me ligado à casa anterior*”; “*Gostava das pessoas que viviam na minha casa anterior*”; “*Sentia-me ligado às pessoas que viviam na minha casa anterior*”. Cujas respostas variavam de 1 a 6, sendo o 1 correspondente a *nada* e 6 *muitíssimo*. O *Alfa de Cronbach* destes quatro itens era elevado com o valor de 0,873. Construiu-se um indicador de vinculação à casa anterior com a média de correlações inter-itens de 0,635; sendo que os valores elevados correspondem a *muito vinculado* e os valores mais baixos correspondem a *nada vinculado* à casa anterior.

Para a casa actual foram formulados os seguintes itens: “*Sinto-me feliz nesta casa*”; “*Sinto-me ligado a esta casa*”; “*Gosto das pessoas que vivem nesta casa*”; “*Sinto-me ligado às pessoas que vivem nesta casa*”. Do qual as respostas variavam de 1 a 6, sendo o 1 *nada* e o 6 *muitíssimo*. Neste caso o *Alfa de Cronbach* obtido foi de 0,865. Construiu-se um indicador de vinculação à casa actual para os 4 itens com a média de correlações inter-itens de 0,617. Sendo que os valores elevados correspondem a *muito vinculado* e os valores mais baixos correspondem a *nada vinculado* à casa anterior.

Para avaliar a vinculação ao bairro anterior e ao bairro actual optou-se igualmente pela utilização da escala de Hidalgo & Hernández (2007). Onde a avaliação

do bairro anterior comportava os seguintes itens: “*Sentia-me feliz no bairro anterior*”; “*Sentia-me ligado ao bairro anterior*”; “*Gostava dos meus vizinhos do bairro anterior*”; “*Sentia-me ligado aos meus vizinhos do bairro anterior*”. Cujas as respostas variavam de 1 a 6, onde 1 correspondia a nada e 6 a *muitíssimo*.

O *Alfa de Cronbach* encontrado foi de 0,939 nos quatro itens, traduzindo-se adequado. Construiu-se um indicador de vinculação ao bairro anterior para os quatro itens de 0,635; sendo que os valores elevados correspondem a muito vinculado e os valores mais baixos correspondem a nada vinculado à casa anterior.

Quanto à avaliação da vinculação ao bairro actual, na perspectiva de Hidálgo & Hernández (2007) a mesma foi avaliada em quatro itens que se seguem: “*Sinto-me feliz neste bairro*”; “*Sinto-me ligado a este bairro*”; “*Gosto dos meus vizinhos neste bairro*”; “*Sinto-me ligado aos meus vizinhos*”.

As respostas variavam de 1 a 6, onde 1 corresponde a *nada* e 6 corresponde a *muitíssimo*. O *Alfa de Cronbach*, obtido foi de 0,845 o que se considera adequado; e foi construído um indicador para os 4 itens de vinculação ao bairro actual, obtendo-se uma média das correlações de 0,582. Sendo que os valores elevados equivalem a muito vinculado e os valores mais baixos correspondem a nada vinculado à casa anterior.

2.4.3- Adaptação à situação de realojamento

Na quarta e última parte do questionário, com o intuito de medir a adaptação à nova situação por parte dos participantes optou-se pela utilização de indicadores relativos à saúde, ao bem-estar subjectivo e relacionamento.

A escala de percepção de saúde foi adaptada de *European Social Survey*, constituída por dois itens: a) “*Como avalia a sua saúde em geral?*”- que varia entre 1 e 5 onde 1 corresponde a *muita má* e 5 corresponde a *muito boa*; e b) “*Em comparação com a maioria das pessoas da sua idade, considera que a sua saúde é pior ou melhor que a dos outros?*”- o item varia de 1 a 5 onde 1 corresponde a *muito pior que a dos outros* e 5 *muito melhor que a dos outros*. O *Alfa de Cronbach* encontrado nos dois itens foi de 0,834 e a média de saúde para os dois itens foi de 2,611. Este valor indica níveis muito baixos de saúde percebida.

Para medir o bem-estar subjectivo foi utilizada a escala de Diener (2000), contendo dois itens: a) “*Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?*” - a mesma variava de 0 a 10, onde 0 correspondia a *extremamente insatisfeito* e

10 correspondia a *extremamente satisfeito*; e b) “*Considerando todo os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente?*” Variava de 0 a 10, onde 0 correspondia a *extremamente infeliz* e 10 *extremamente feliz*. O *Alfa de Cronbach*, obtido foi de 0,947 e foi construído um indicador para os dois itens de bem-estar subjectivo com uma média de 5,076. Este valor é também bastante mais baixo do que o que se costuma obter em amostras europeias e mesmo portuguesas.

A escala da solidão e relacionamento de Hughes et al. (2004) também foi uma das escalas utilizadas para medir a adaptação das populações à nova situação. Obteve-se o *Alfa de Cronbach* de 0,704 nos seguintes itens: “*Com que frequência sente que lhe faltam amigos?*”; “*Com que frequência sente que o deixam de fora?*”; “*Com que frequência se sente isolado das outras pessoas?*”.

Os mesmos variavam de 1 a 3, onde 1 correspondia a *quase nunca* e 3 corresponde a *muitas vezes*. A construção de um indicador para a percepção de relacionamento com elevado índice, alto relacionamento e baixo índice solidão, teve como média 2,291.

Estes resultados foram submetidos a análise estatística que envolveu a utilização de estatísticas descritivas (frequências absolutas e relativas, médias e respectivos desvios padrão) e análise inferencial. Os testes de hipóteses usados foram o teste de *t de Student* para amostras emparelhadas e o coeficiente de correlação de *Pearson*. Utilizou-se o coeficiente de consistência interna *Alfa de Cronbach*. A análise estatística foi efectuada com o apoio do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 18 para *Windows*.

CAPÍTULO III : RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos a partir dos instrumentos utilizados para compreender o impacto psicossocial do processo de realojamento nas pessoas de uma forma global.

3.1. Avaliação do Realojamento

Em média os participantes viviam há 16 anos no bairro anterior. Isto é, há mais de uma década no bairro (M= 16,10; DP= 7,71). (Quadro nº3.1)

Quadro 3.1- Tempo no bairro anterior.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Anos no bairro antigo	72	6	50	16,10	7,712

Relativamente ao tempo de realojamento no bairro actual, os dados apontam que os participantes vivem há pouco tempo na sua residência, no máximo há 11 meses e no mínimo há 1 mês (M= 5,4; DP= 3,84). (Quadro nº3.2)

Quadro 3.2- Tempo de realojamento (meses).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Meses na casa actual	72	1	11	5,44	3,849

Quanto à avaliação que os participantes fazem da experiência do realojamento, na sua maioria avaliam-na como negativa. Isto é 52,8% descrevem a experiência como negativa ou muito negativa e só 22,2% avaliam-na como positiva .(Quadro nº3.3).

Quatro 3.3 - Experiência do realojamento.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito negativa	5	6,9	6,9	6,9
Negativa	33	45,8	45,8	52,8
Média	18	25,0	25,0	77,8
Positiva	16	22,2	22,2	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Relativamente à avaliação de como correu o realojamento, 41,7% dos participantes afirmaram que correu mal ou muito mal, e só 26,4% apontam ter corrido bem. (Quadro nº3.4)

Quatro 3.4 - Como correu o realojamento.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito mal	1	1,4	1,4	1,4
Mal	29	40,3	40,3	41,7
Médio	23	31,9	31,9	73,6
Bem	19	26,4	26,4	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Os resultados acima podem ser melhor compreendidos segundo a questão: “*Quanto tempo tiveram para a mudança?*”. Em média tiveram 3 dias (M=3; DP= 4,213), conforme ilustra a tabela 4.5. Lamentações como “*uma vida inteira é possível acabar em três dias?*”; ou “*isso é bonito tirar as nossas coisas pôr no camião e partir a nossa casa nós a vemos, que construímos com muito suor?*”; e “*Os nossos filhos, netos nós mesmos nascemos aqui, neste lugar*”, foram frequentes.(Quadro nº3.5).

Quadro 3.5 - Tempo para a mudança (dias).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Dias para a mudança	72	1	28	3,17	4,213

Em suma, pensa-se que os participantes que viviam há muitos anos no bairro anterior e que tiveram uma experiência negativa de realojamento foi em consequência do realojamento ser processado em pouco tempo. As lamentações reforçam este factor, pois os participantes referiram muitas queixas ao nível de perda; lamentaram-se que perderam muitos móveis durante a mudança, por exemplo.

O novo bairro Zango está habitado por indivíduos de vários bairros, com hábitos e costumes diferentes. Os residentes queixaram-se de falta de segurança no bairro, portanto houve uma má avaliação do realojamento.

3.2. Apoio Recebido

Relativamente ao apoio recebido por parte das instituições, 55,6% dizem ter pouco apoio e apenas 5,6% dizem ter muito apoio, os mesmos salientam ainda que o apoio foi apenas instrumental.(Quadro nº3.6)

Quadro 3.6 - Apoio das instituições.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Nenhum apoio	11	15,3	15,3	15,3
Pouco apoio	40	55,6	55,6	70,8
Algum apoio	17	23,6	23,6	94,4
Muito apoio	4	5,6	5,6	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Em relação ao apoio familiar, 38,9% dos participantes tiveram muito apoio por parte dos seus familiares, outros 25% tiveram algum apoio. E só 15,3 % dos mesmos revelaram não ter nenhum apoio dos membros da sua família. (Quadro nº 3.7).

Quadro 3.7 - Apoio da família.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Nenhum apoio	11	15,3	15,3	15,3
Pouco apoio	13	18,1	18,1	33,3
Algum apoio	18	25,0	25,0	58,3
Muito apoio	28	38,9	38,9	97,2
Muitíssimo apoio	2	2,8	2,8	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Quanto ao apoio recebido por parte dos amigos e vizinhos, os participantes salientaram que houve algum apoio com 33,3% e 31,9% apontando que tiveram muito apoio.

Pensa-se que os resultados abaixo enunciados devem-se ao facto de muitos vizinhos terem feito a mudança no mesmo dia. Assim, presume-se que o apoio por parte dos amigos e vizinhos fosse maior se a mudança tivesse sido efectuada em dias diferentes. Tal facto não impediu o senso de inter-ajuda e solidariedade entre a vizinhança (Quadro nº 3.8).

Quadro 3.8- Apoio de amigos e vizinhos.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Nenhum apoio	12	16,7	16,7	16,7
Pouco apoio	12	16,7	16,7	33,3
Algum apoio	24	33,3	33,3	66,7
Muito apoio	23	31,9	31,9	98,6
Muitíssimo apoio	1	1,4	1,4	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Em suma, verificou-se que os participantes tiveram mais apoio dos familiares e dos amigos, quer a nível instrumental, moral, financeiro e informativo. Uma percentagem muito elevada dos participantes afirmou terem recebido pouco apoio por parte das instituições, tal como se observa nas tabelas (3.6,3,7,3.8).

Quanto à mudança para o novo alojamento, na sua maioria dizem ter feito a mudança só com alguns vizinhos (73,6%), os mesmos salientam que gostavam de fazer a mudança com todos os vizinhos, pois assim não se sentiriam tão abandonados, tristes em pensar no lugar em que cresceram “*estamos a nos sentir estranhos neste lugar, casa nova, bairro novo, ainda alguns vizinhos diferentes, estamos fora do nosso lugar*”. (Quadro nº3.9).

Quadro 3.9 - Fez a mudança com todos os vizinhos?

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Sim com todos	12	16,7	16,7	16,7
Só com alguns	53	73,6	73,6	90,3
Não	7	9,7	9,7	100,0
Total	72	100,0	100,0	

3.3. - Relação da avaliação do realojamento com o tempo para a mudança, apoio das instituições, apoio social na mudança e a mudança com todos os vizinhos

Procurou-se saber se a avaliação do realojamento estava associada a algum aspecto do realojamento.

O coeficiente de correlação entre a questão fez a mudança com todos os vizinhos e a avaliação do realojamento é estatisticamente significativa, negativa e fraca $r(72) = -0,200; p < 0,001$. Isto indica que a avaliação do realojamento é mais positiva quando é feita com os vizinhos e amigos e é menos positiva quando não é feita com os vizinhos e amigos e, além disso, os amigos e vizinhos são importantes para avaliação do realojamento. (Quadro nº 3.10).

Quadro nº 3.10

Correlations

		Avaliação do realojamento
Tempo para a mudança	Pearson Correlation	,111
	Sig. (1-tailed)	,176
	N	72
Apoio das instituições	Pearson Correlation	,007
	Sig. (1-tailed)	,478
	N	72
Apoio Social na Mudança (família e amigos)	Pearson Correlation	-,188
	Sig. (1-tailed)	,057
	N	72
Fez a mudança com todos os vizinhos?	Pearson Correlation	-,200*
	Sig. (1-tailed)	,046
	N	72

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

3.4. - Satisfação com o alojamento actual e vinculação ao lugar actual

Relativamente à satisfação com o alojamento actual, os participantes, na sua maioria, não apresentaram nem muita nem pouca satisfação com o alojamento. 31,9% dos participantes mostraram estarem satisfeitos com a casa. Tal facto justifica-se tendo em conta as casas anteriores de alguns participantes, que não tinham condições de habitabilidade.(Quadro nº 3.11).

Quadro 3.11 - Satisfação com o realojamento actual.

		nada	pouco	NP/NM	muito		Total
		satisfeito	satisfeito		satisfeito	satisfeito	
- Casa	Freq.	7	11	30	23	1	72
	%	9,7%	15,3%	41,7%	31,9%	1,4%	100,0%
- Bairro	Freq.	17	11	28	15	1	72
	%	23,6%	15,3%	38,9%	20,8%	1,4%	100,0%
- Cidade	Freq.	18	10	33	11	0	72
	%	25,0%	13,9%	45,8%	15,3%	,0%	100,0%

Uma vez que havia uma elevada correlação entre os itens (a média das correlações entre itens é de 0,672), calculou-se um indicador de satisfação residencial actual que foi de 2,70 (DP=0,91).(Quadro nº 3.12).

Quadro 3.12 - (Estatísticas descritivas) da satisfação ao alojamento actual.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Actual - Satisf residencial	72	1,00	4,33	2,7083	,91917

De um modo particular, os participantes sentem alguma felicidade em relação à casa que vivem (31,4%), e sentem-se ligados à casa (34,7%), mas apresentam percentagens muito elevadas (55,6%) em relação à vinculação às pessoas da sua casa, aos vizinhos e ao bairro. (Quadro nº3.13).

Quadro 3.13 - Vinculação ao alojamento actual.

		nada	pouco	Algo	bastante	muito	muitíssimo	Total
Sinto-me feliz nesta casa.	Freq.	8	17	22	17	5	1	70
	%	11,4%	24,3%	31,4%	24,3%	7,1%	1,4%	100,0%
Sinto-me ligado a esta casa.	Freq.	9	18	25	14	5	1	72
	%	12,5%	25,0%	34,7%	19,4%	6,9%	1,4%	100,0%
Gosto das pessoas que vivem na minha casa.	Freq.	6	8	14	30	10	4	72
	%	8,3%	11,1%	19,4%	41,7%	13,9%	5,6%	100,0%
Sinto-me ligado as pessoas que vivem na minha casa.	Freq.	6	7	15	31	9	4	72
	%	8,3%	9,7%	20,8%	43,1%	12,5%	5,6%	100,0%
Sinto-me feliz neste bairro.	Freq.	15	11	19	21	6		72
	%	20,8%	15,3%	26,4%	29,2%	8,3%		100,0%
Sinto-me ligado a este bairro.	Freq.	15	12	17	20	8		72
	%	20,8%	16,7%	23,6%	27,8%	11,1%		100,0%
Gosto dos meus vizinhos neste bairro.	Freq.	6	3	9	40	14		72
	%	8,3%	4,2%	12,5%	55,6%	19,4%		100,0%

Sinto-me ligado a este bairro.	Freq.	6	3	7	39	17	72
	%	8,3%	4,2%	9,7%	54,2%	23,6%	100,0%

A média geral de vinculação à casa aponta um valor de 3,246 e (DP= 1,006). Em relação ao bairro a vinculação aponta um valor de 3,336 e (DP=0,992). (Quadro 3.14).

Quadro 3.14 - (Estatística descritiva) da vinculação ao alojamento actual.

	N	Mínimo	Máximo	Media	Desvio. Padrão
Vinculação à casa actual	72	1,00	6,00	3,2465	1,00696
Vinculação ao bairro actual	72	1,00	5,00	3,3368	,99219

3.5. - Relação da satisfação residencial actual e vinculação à casa e ao bairro actual

Foram efectuadas correlações entre os valores da satisfação residencial e os da vinculação.

Quadro 3.15 - Satisfação Residencial Actual e Vinculação à Casa e o Bairro.

		Actual - Satisf residencial	Actual - Vinc a Casa
Vinculação à casa actual	PearsonCorrelation	,419(**)	
	Sig. (1-tailed)	,000	
	N	72	72
Vinculação ao bairro actual	PearsonCorrelation	,616(**)	,437(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000
	N	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

Encontraram-se os seguintes coeficientes de correlação significativos: o coeficiente de correlação entre a vinculação à casa e a satisfação com a actual residência é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,419$). O que indica que a satisfação com a residência actual está associada à vinculação à casa actual, isto é quanto mais vinculação à casa actual maior a satisfação residencial actual;

O coeficiente de correlação entre a vinculação à casa actual e a vinculação ao bairro actual é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,437$), o que indica que a vinculação ao bairro actual está associada à vinculação à casa actual, isto indica que quanto maior for a vinculação ao bairro actual maior a vinculação à casa actual;

O coeficiente de correlação entre a vinculação ao bairro actual e a satisfação com a actual residência é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,616$), o que demonstra que a satisfação residencial actual está associada a maior vinculação ao bairro actual (Quadro nº3.15).

3.6. - Satisfação com o Alojamento anterior e a vinculação ao lugar anterior

No que concerne à satisfação com o alojamento anterior, os participantes, na sua maioria apresentam satisfação tanto com a casa, (50,0%), como com o bairro (52,8%) e maior satisfação com a cidade no contexto anterior ao realojamento (54,2%). Este factor deve-se ao facto de antes viverem no centro da cidade e hoje estarem a residir a 45 km do centro da cidade. (Quadro nº 3.16)

Quadro 3.16 - Satisfação com a residência anterior.

		nada satisfeito	pouco satisfeito	NP/NM	Satisfeito	muito satisfeito	Total
casa	Freq.	9	3	15	36	9	72
	%	12,5%	4,2%	20,8%	50,0%	12,5%	100,0%
Bairro	Freq.	2	7	10	38	15	72
	%	2,8%	9,7%	13,9%	52,8%	20,8%	100,0%
Cidade	Freq.	2	6	10	39	15	72
	%	2,8%	8,3%	13,9%	54,2%	20,8%	100,0%

A média das respostas da satisfação com alojamento anterior foi de 3,68 (DP=0,83). (Quadro nº 3.17).

Quadro 3.17 - (Estatística descritiva) da satisfação residencial anterior.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
- Satisfação					
residencial anterior	72	1,67	5,00	3,6898	,83230

Em relação ao alojamento anterior, os participantes sentem-se bastante felizes, quando se referem à casa, ao bairro e aos vizinhos com percentagens elevadas, como 39,4% e também sentiam-se muito ligados à casa, ao bairro e aos vizinhos com 37,5%.(Quadro nº 3.18).

Quadro 3.18 - Vinculação ao alojamento anterior

		Nada	pouco	algo	bastante	Muito	muitíssimo	Total
Sentia-me feliz na casa anterior.	Freq.	2	8	13	28	13	7	71
	%	2,8%	11,3%	18,3%	39,4%	18,3%	9,9%	100,0%
Sentia-me ligado à esta casa.	Freq.	1	4	17	27	16	7	72
	%	1,4%	5,6%	23,6%	37,5%	22,2%	9,7%	100,0%
Gostava das pessoas que viviam na minha casa anterior.	Freq.	0	2	8	27	25	10	72
	%	,0%	2,8%	11,1%	37,5%	34,7%	13,9%	100,0%
Sentia-me ligado as pessoas que viviam na minha casa.	Freq.	0	2	6	28	23	13	72
	%	,0%	2,8%	8,3%	38,9%	31,9%	18,1%	100,0%
Sentia-me feliz neste bairro.	Freq.	2	3	5	26	26	10	72
	%	2,8%	4,2%	6,9%	36,1%	36,1%	13,9%	100,0%
Sinto-me ligado a este bairro.	Freq.	2	1	6	25	25	13	72
	%	2,8%	1,4%	8,3%	34,7%	34,7%	18,1%	100,0%
Gostava dos meus	Freq.	0	2	3	24	26	17	72

O Processo de Realojamento e a Melhoria da Qualidade de Vida dos Habitantes do Zango III

vizinhos no bairro.	%	,0%	2,8%	4,2%	33,3%	36,1%	23,6%	100,0%
Sentia-me ligado aos	Freq.	0	1	3	24	27	17	72
meus vizinhos.	%	,0%	1,4%	4,2%	33,3%	37,5%	23,6%	100,0%

A média geral de vinculação à casa anterior foi de 4,22, (DP=0,90) e a média de vinculação ao bairro anterior foi de 4,60, (DP=0,94).(Quadro nº 3.18).

Quadro 3.19 - (Estatística Descritiva) do alojamento anterior.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Vinc à casa antes	72	2,00	6,00	4,2292	,90650
Vinc ao bairro antes	72	2,00	6,00	4,6076	,94462

3.7. - Relação da satisfação residencial anterior com a vinculação à casa e ao bairro anterior

Encontraram-se os seguintes coeficientes de correlação significativos: o coeficiente de correlação entre a vinculação à casa anterior e a satisfação com a residência é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,638$). O que indica que a satisfação residencial anterior está associada a maior vinculação à casa anterior.

O coeficiente de correlação entre a vinculação ao bairro anterior e a satisfação com residência anterior é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,463$). Implica dizer que a satisfação residencial anterior está associada a maior vinculação ao bairro anterior.

O coeficiente de correlação entre a vinculação ao bairro anterior e a vinculação à casa anterior é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,576$). O que indica que a vinculação à casa anterior está associada a maior vinculação ao bairro anterior. (Quadro nº3.20).

Quadro 3.20 - Relação da satisfação residencial anterior com a vinculação à casa e ao bairro anterior.

		Satisf.	
		Residencial anterior	Vinc à casa anterior
Vinc à casa anterior	PearsonCorrelation	,638(**)	
	Sig. (1-tailed)	,000	
	N	72	
Vinc ao Bairro anterior	PearsonCorrelation	,463(**)	,576(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000
	N	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

3.8. - Comparação dos valores da ligação ao espaço residencial anterior e actual

Em suma, fazendo a comparação do alojamento anterior e o alojamento actual, os participantes apresentam níveis elevados de satisfação residencial anterior com uma média de 3,68 (DP=0,83), em comparação com a satisfação residencial actual, com uma média de 2,70 (DP=0,91). Relativamente à comparação da vinculação à casa anterior e actual os valores apontam para vinculação à casa anterior. O mesmo se verificou com a comparação da vinculação ao bairro actual e ao bairro anterior: quer a satisfação residencial, quer a vinculação ao lugar, apresentam sempre valores mais baixos, quando se trata da satisfação residencial actual, como da vinculação actual. O mesmo vem ainda explicar que apesar das condições precárias de habitualidade os participantes criaram laços emocionais com o lugar anterior, sentiam-se felizes naquele lugar onde houve a passagem de várias gerações, e os mesmos alegaram estarem próximo dos seus serviços, das escolas dos seus filhos, tinham acesso rápido aos hospitais, e igrejas, e a mudança de bairro veio quebrar toda a sua rotina rompendo laços sociais de uma vida inteira.

O sentimento de perda entre a habitação anterior e a actual caracteriza-se por dois indicadores de diferenciação: no sentimento da vinculação relativamente à casa e ao bairro e na satisfação residencial. Valores negativos indicam sentimento de perda e valores positivos indicam sentimento de ganho. (Gráfico 3.1).

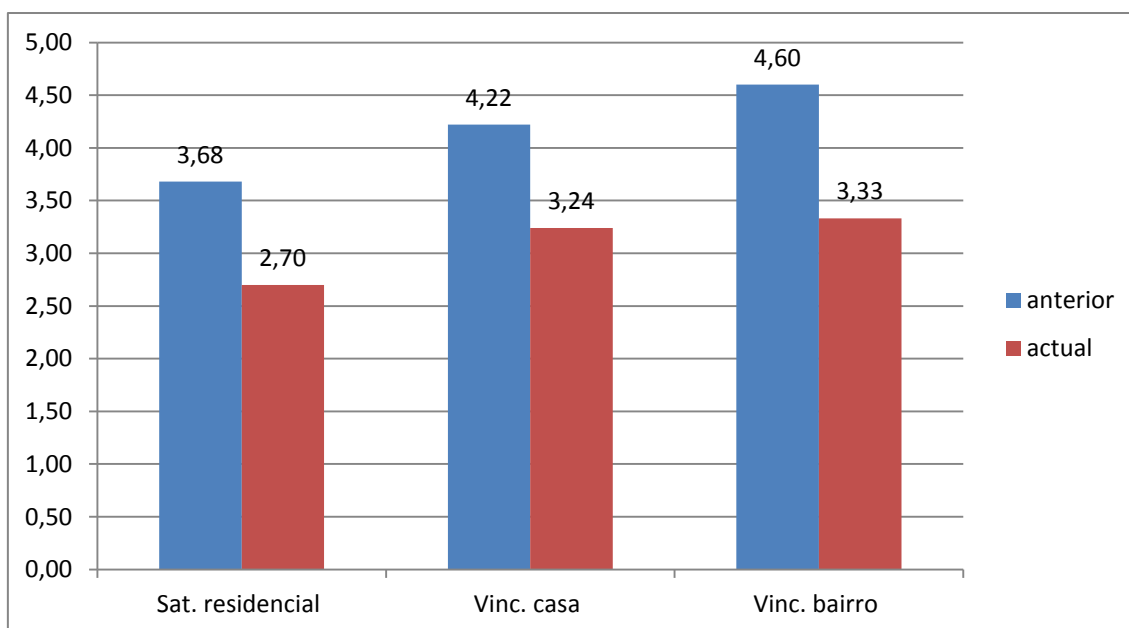


Gráfico 3.1- comparação da satisfação residencial actual/ anterior e vinculação anterior/actual

As estatísticas descritivas das diferenças entre a satisfação residencial, vinculação à casa e vinculação ao bairro, antes e depois, podem ser apreciadas na tabela seguinte: os valores médios destas variáveis, são todos negativos, o que mostra que estão mais satisfeitos com a residência anterior do que com a residência actual e mais vinculados ao alojamento anterior do que o alojamento actual (Tabela nº3.21).

Quadro 3.21 - (Estatística descritiva) da satisfação residencial e o alojamento actual e anterior.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Diferença satisfação residencial	72	-3,00	2,00	-,9815	1,24582
Diferença Vinc. à casa	72	-4,00	2,75	-,9826	1,42111
Diferença Vinc. ao bairro	72	-4,50	2,00	-1,2708	1,38449

3.9. - Adaptação à nova situação

Relativamente à percepção de saúde a média é de 2,61 (DP=0,74), como demonstra o (Quadro nº3.22). Quando da avaliação da sua saúde em geral, 54,2% dos participantes afirmam ser razoável e apenas 12,5% apontam como muito má. Os dados

referentes à comparação que os participantes fazem em relação à sua saúde e dos outros mostram que 58,3% afirmam ser igual e 30,6% afirmam ser pior.

O que é caricato é o facto deles se lamentarem da falta de hospital na zona, de água potável e mesmo assim avaliarem a sua saúde como razoável (Quadro nº 3.23 e 3.24)

Quadro 3.22 - Percepção de Saúde (estatística descritiva).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Percepção de – Saúde	72	1,00	4,50	2,6111	,74220

Quadro 3.23 - Avaliação da saúde em geral.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito má	9	12,5	12,5	12,5
Má	14	19,4	19,4	31,9
Razoável	39	54,2	54,2	86,1
Boa	10	13,9	13,9	100,0
Total	72	100,0	100,0	

Quadro 3.24 - Comparação da saúde com pessoas da mesma idade.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito pior	7	9,7	9,7	9,7
Pior	22	30,6	30,6	40,3
Igual	42	58,3	58,3	98,6
Muito melhor	1	1,4	1,4	100,0
Total	72	100,0	100,0	

No que respeita ao bem-estar subjectivo, a média é de 5,07 (DP=2,18). (Quadro nº3.25). Quanto à avaliação que os participantes fazem ao grau de satisfação com a vida em geral, numa escala de 0 a 10, os participantes apresentam uma média de satisfação com a vida em geral de 4.92. No que concerne à avaliação que eles fazem do seu grau de felicidade, numa escala de 0 a 10, em média avaliam a sua felicidade em 5,29, valor perto do ponto médio da escala. Desta forma, é perceptível que a maioria da população não esta satisfeita com a sua vida.

Fazendo uma comparação com os estudos efectuados pelo relatório do desenvolvimento humano (2010), e revelados nos trabalhos de Rocha (2010), o valor atribuído à população angolana foi de 4,2; valor este que não está longe do valor encontrado no resultado da referida pesquisa, o que significa que a população no Zango não esta satisfeita com a sua vida em geral (Quadro nº3.26).

Quanto ao grau de felicidade o resultado está perto do ponto médio da escala, o que significa que a maioria da população sente-se feliz. Mas atendendo ao carácter subjectivo da felicidade, tem que se admitir a sua existência mesmo com reduzidas quantidades de dinheiro e de outros bens culturais e materiais deficitários. (Quadro nº3.27).

Quadro 3.25 - Estatística descritiva do Bem -Estar Subjectivo.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Bem Estar Subjectivo	72	1,00	10,00	5,0764	2,18938
Valid N (listwise)	72				

Quadro 3.26 - Grau de satisfação com a vida em Geral.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Satisfação com a vida	72	1	10	4,92	2,187

Escala: 0- Extremamente satisfeito, 10 -Extremamente satisfeito

Quadro 3.27 - Grau de felicidade que sente.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Grau de felicidade que senti	72	1	10	5,24	2,304

Escala: 0 extremamente infeliz e 10 extremamente feliz

Relativamente à solidão, mais de metade da amostra considera que às vezes sente que lhe faltam amigos (56,9%). Paralelamente, 63,9% sente que o deixam de fora e 50,0% sentem-se isolados de outras pessoas (Quadro nº 3.28).

Quadro 3.28 - Frequência das questões relativas à solidão.

		quase nunca	às vezes	muitas vezes	Total
<i>Frequência que sente que lhe faltam amigos</i>	Freq.	7	41	24	72
	%	9,7%	56,9%	33,3%	100,0%
<i>Frequência que sente que o deixam de fora</i>	Freq.	2	46	24	72
	%	2,8%	63,9%	33,3%	100,0%
<i>Frequência que sente isolado de outras pessoas</i>	Freq.	6	36	30	72
	%	8,3%	50,0%	41,7%	100,0%

Foi calculado um indicador médio, invertendo os itens e que indica a qualidade do relacionamento social. A média deste indicador é de 2,41 (DP=0,93), o que indica níveis baixos de relacionamento social (altos de solidão). De facto, é notória a solidão que os participantes apresentam no pós realojamento devido ao anterior espaço residencial ser sentido e referenciado de forma positiva, no qual as interações face-a-face eram constantes onde acabaram por reforçar não só o relacionamento e a convivência, mas também a segurança e o conforto com aqueles que lhes eram mais próximos.

O novo contexto habitacional (Zango III) está distante da cidade e o acesso aos transportes públicos é deficitário, dificultando ainda mais as suas redes sociais.

(Quadro nº 3.29)

Quadro 3.29 - Estatística descritiva da qualidade do relacionamento

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Qualidade do Relacionamento	72	1,00	4,33	2,4167	,93573

3.10. - Relação do bem-estar subjectivo e o bem- estar saúde

Encontraram-se os coeficientes de correlação entre os três indicadores gerais de adaptação à nova situação (saúde, relacionamento e o bem estar subjectivo). A relação entre o bem-estar subjectivo e o bem-estar saúde é estatisticamente significativo, positivo e moderado $r(72)=0,493;p<0,001$. Implica dizer que uma melhor percepção de saúde está associada ao bem -estar subjectivo ou seja quanto melhor for a percepção de saúde das populações melhor o bem-estar subjectivo das populações.

O coeficiente de correlação entre bem-estar relacionamento e o bem-estar saúde é estatisticamente significativo, positivo e moderado $r(72)= 0,581;p<0,001$. O que indica que quanto melhor o bem-estar relacionamento melhor o bem-estar saúde das populações, ou seja, os participantes com bom relacionamento percebem melhor a sua saúde.

O coeficiente de correlação entre bem-estar relacionamento e o bem estar subjectivo é estatisticamente significativo, positivo e moderado $r(72)= 0,430;p<0,001$. O que mostra que quanto melhor for o bem-estar relacionamento melhor o bem estar subjectivo das populações. Implica que dizer os participantes com bom relacionamento avaliam melhor o seu bem-estar subjectivo. (Quadro nº3.30).

Quadro 3.30 - Bem – Estar subjectivo e o Bem-Estar saúde.

		Bem-Estar Saúde	Bem Estar Subjectivo
Bem Estar Subjectivo	PearsonCorrelation	,493(**)	
	Sig. (1-tailed)	,000	
	N	72	
Bem Estar - Relacionamento	PearsonCorrelation	,581(**)	,430(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000
	N	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

3.11. - Relação da adaptação à nova situação (saúde, bem-estar subjectivo, relacionamento) com a Avaliação do realojamento e tempo de mudança

Encontraram-se os seguintes coeficientes de correlação significativos: o coeficiente de correlação entre a percepção da saúde e a avaliação do realojamento é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,369$). Implica dizer que a percepção de saúde está associada a uma melhor avaliação do realojamento por parte das populações, o que indica que, quanto maior for a percepção de saúde, melhor é a avaliação que fazem quanto ao realojamento.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a avaliação do realojamento é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,288$). Implica dizer que o bem-estar subjectivo está associado a uma melhor avaliação do realojamento por parte das populações, o que indica, que quanto maior for bem-estar -subjectivo, melhor é a avaliação que fazem quanto ao realojamento.

O coeficiente de correlação entre o bem -estar com o relacionamento e a avaliação do realojamento é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,249$). Implica

dizer que o realojamento está associado ao bem-estar relacionamento, o que indica que, quanto menor for a solidão por parte das populações melhor é a avaliação que fazem do realojamento. (Quadro nº3.31).

Quadro 3.31 - Relação da adaptação à nova situação e avaliação do realojamento, e o tempo para à mudança.

		Avaliação do realojamento	Tempo para a mudança
Bem Estar - Saúde	PearsonCorrelation	,369(**)	,048
	Sig. (1-tailed)	,001	,344
	N	72	72
Bem Estar Subjectivo	PearsonCorrelation	,288(**)	,077
	Sig. (1-tailed)	,007	,259
	N	72	72
Bem Estar - Relacionamento	PearsonCorrelation	,249(*)	,085
	Sig. (1-tailed)	,018	,240
	N	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

3.12. Relação da adaptação à nova situação (saúde , bem-estar subjectivo, relacionamento) com a satisfação residencial actual /anterior, vinculação à casa e ao bairro actual / anterior

O coeficiente de correlação entre a percepção da saúde e a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,485$). Implica dizer que a percepção de saúde está associada a uma melhor satisfação residencial, o que significa que, as populações que estão mais satisfeitas com a residência actual têm melhor percepção de saúde.

O coeficiente de correlação entre a percepção da saúde e a vinculação ao bairro actual é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,441$). O que indica que, quanto mais vinculados ao bairro actual melhor é a percepção de saúde das populações.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,439$). Implica dizer que o bem-estar subjectivo está associado à satisfação residencial actual, o que significa que, quanto mais satisfeitos com a residência actual melhor é o bem-estar-subjectivo das populações.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a vinculação à casa actual é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,351$). Implica dizer que o bem-estar subjectivo está associado a vinculação à casa actual, o que significa que, quanto mais vinculados à casa actual melhor é o bem-estar subjectivo das populações.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a vinculação ao bairro actual é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,298$). O que indica que, o bem-estar subjectivo está associado à vinculação ao bairro actual, implica dizer que quanto mais vinculados ao bairro actual maior é o bem-estar subjectivo das populações.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar relacionamento e a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,553$). O que indica que o bem-estar com o relacionamento está associado a uma melhor satisfação residencial actual, o que significa que as populações que estão mais satisfeitas com a sua residência actual apresentam melhor bem-estar relacionamento.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar relacionamento e a vinculação à casa actual é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,271$). Implica dizer que o bem-estar relacionamento está associado a vinculação à casa, o que indica que as populações que estão mais vinculadas à casa apresentam melhor bem-estar relacionamento.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar com o relacionamento e a vinculação ao bairro actual é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,485$). O que indica que, o bem-estar com o relacionamento está associado a vinculação ao bairro actual, implica dizer que quando mais vinculados ao bairro actual maior é o bem-estar com o relacionamento das populações. (Quadro nº 3.32).

Quadro 3.32 - Bem-estar com a satisfação residencial actual /anterior, vinculação à casa e ao bairro actual / anterior .

		ANTES					
		Actual - Satisf residencial	Actual - Vinc a Casa	Actual - Vinc ao Bairro	ANTES - Satisf residencial	ANTES - Vinc a Casa	ANTES - Vinc ao Bairro
Saúde	PearsonCorrelation	,485(**)	,105	,441(**)	-,111	-,106	-,125
	Sig. (1-tailed)	,000	,190	,000	,177	,187	,147
	N	72	72	72	72	72	72
Bem Estar Subjectivo	PearsonCorrelation	,439(**)	,351(**)	,298(**)	-,148	-,119	,039
	Sig. (1-tailed)	,000	,001	,006	,108	,160	,374
	N	72	72	72	72	72	72
Qualidade do Relacionamento	PearsonCorrelation	,553(**)	,271(*)	,485(**)	-,111	-,109	-,063
	Sig. (1-tailed)	,000	,011	,000	,177	,182	,298
	N	72	72	72	72	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

3.13. - Relação da diferença do bem-estar com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro

O coeficiente de correlação entre a percepção da saúde e a diferença com a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,432$). O que significa dizer que a diferença da satisfação residencial está associada à percepção de saúde, o que indica que, quanto maior for a diferença da satisfação residencial melhor é a percepção de saúde por parte das populações.

O coeficiente de correlação entre a percepção da saúde e a diferença da vinculação ao bairro é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,401$). O que indica que, a diferença da vinculação ao bairro está associada a percepção de saúde.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a diferença com a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,423$). Implica dizer que o bem-estar subjectivo está associado a diferença da satisfação residencial, o que indica que quanto maior for a diferença da satisfação residencial melhor o bem-estar subjectivo das populações.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar subjectivo e a diferença da vinculação à casa é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,325$). O que indica que, a diferença da vinculação ao bairro está associada à percepção de saúde.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar com o relacionamento e a diferença com a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,482$). Implica dizer que, o bem-estar está associado à diferença da satisfação residencial.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar relacionamento e a diferença da vinculação à casa é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,261$). O que indica que, a diferença da satisfação residencial está associada à vinculação à casa.

O coeficiente de correlação entre o bem-estar com o relacionamento e a diferença da vinculação ao bairro é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,391$). O que indica que, a diferença da satisfação residencial está associada à vinculação à casa. (Quadro nº 3.33).

Quadro 3.33 - Relação do bem-estar, satisfação residencial, vinculação à casa e ao bairro.

		Diferença	Diferença	
		satisfação	Diferença	Vinc ao
		residencial	Vinc a casa	bairro
Bem- Estar Saúde	PearsonCorrelation	,432(**)	,142	,401(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,117	,000
	N	72	72	72
Bem- Estar Subjectivo	PearsonCorrelation	,423(**)	,325(**)	,187
	Sig. (1-tailed)	,000	,003	,058

	N	72	72	72
Bem- Estar	PearsonCorrelation	,482(**)	,261(*)	,391(**)
Relacionamento	Sig. (1-tailed)	,000	,013	,000
	N	72	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

3.14. - Relação da avaliação do realojamento com a satisfação residencial actual e anterior e a vinculação à casa e ao bairro actual e anterior

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,457$). Implica dizer que a satisfação residencial está associada à avaliação do realojamento o que indica que, quanto melhor a satisfação residencial, melhor é a avaliação que as populações fazem do realojamento.

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a vinculação à casa actual é estatisticamente significativo, positivo e fraco ($r=0,212$). Implica dizer que a vinculação à casa está associada à avaliação do realojamento, significa dizer que os que estão vinculados à casa actual, avaliam melhor o realojamento.

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a vinculação ao bairro actual é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,317$). Implica dizer que a vinculação ao bairro está associada à avaliação do realojamento, significa dizer que os que estão vinculados ao bairro actual, avaliam melhor o realojamento.

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a vinculação à casa anterior é estatisticamente significativo, negativo e fraco ($r=-0,242$).

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a vinculação ao bairro anterior é estatisticamente significativo, negativo e moderado ($r=-0,313$). Implica dizer que a vinculação ao bairro está associada de forma negativa à avaliação do realojamento.

O coeficiente de correlação entre o apoio social na mudança e a satisfação residencial é estatisticamente significativo, negativo e moderado ($r=-0,405$).

O coeficiente de correlação entre o apoio social na mudança e a satisfação residencial anterior é estatisticamente significativo, negativo e fraco ($r=-0,201$).

(Quadro nº 3.34).

Quadro 3.34- Relação da avaliação do realojamento com a satisfação residencial actual e anterior e a vinculação à casa e ao bairro actual e anterior.

		ANTES					
		Actual - Satisf residencial	Actual - Vinc a Casa	Actual - Vinc ao Bairro	ANTES - Satisf residencial	ANTES - Vinc a Casa	ANTES - Vinc ao Bairro
Avaliação do realojamento	PearsonCorrelation	,457(**)	,212(*)	,317(**)	-,064	-,242(*)	-,313(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,037	,003	,296	,020	,004
	N	72	72	72	72	72	72
Apoio Social na Mudança (família e amigos)	PearsonCorrelation	-,405(**)	,000	,002	-,201(*)	-,163	-,118
	Sig. (1-tailed)	,000	,499	,495	,045	,086	,163
	N	72	72	72	72	72	72
Tempo para a mudança	PearsonCorrelation	-,003	,061	,025	,023	-,100	,043
	Sig. (1-tailed)	,490	,306	,417	,424	,203	,359
	N	72	72	72	72	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed)

3.15. - Relação da avaliação do realojamento com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro

O coeficiente de correlação entre a avaliação do realojamento e a diferença com a satisfação residencial é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,380$). O que indica que, o realojamento está associado à diferença de satisfação residencial.

O coeficiente de correlação entre o apoio social na mudança e a diferença da vinculação à casa é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,304$). O que implica que a vinculação à casa está associada ao apoio social na mudança.

O coeficiente de correlação entre o tempo para a mudança e a diferença da vinculação ao bairro é estatisticamente significativo, positivo e moderado ($r=0,441$). O que implica que a diferença de vinculação ao bairro está associada ao tempo para a mudança. (Quadro nº3.35).

Quadro 3.35 - Relação da avaliação do realojamento com a diferença da satisfação residencial e a diferença da vinculação à casa e ao bairro.

		Diferença		
		satisfação residencial	Diferença Vinc a casa	Diferença Vinc ao bairro
Avaliação do realojamento	PearsonCorrelation	,380(**)	,304(**)	,441(**)
	Sig. (1-tailed)	,001	,005	,000
	N	72	72	72
Apoio Social na Mudança (família e amigos)	PearsonCorrelation	-,164	,104	,081
	Sig. (1-tailed)	,084	,193	,248
	N	72	72	72
Tempo para a mudança	PearsonCorrelation	-,018	,107	-,011
	Sig. (1-tailed)	,442	,186	,462
	N	72	72	72

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO

O presente estudo pretendeu compreender o impacto psicossocial do processo de realojamento, partindo da avaliação que fazem ao realojamento, a vinculação ao lugar a satisfação residencial e a adaptação à nova situação (saúde, bem-estar subjectivo e relacionamento), a partir de uma amostra das populações residentes no bairro do Zango III e que experienciaram o processo de realojamento. Estas variáveis apresentavam diferenças significativas em relação ao alojamento actual e no alojamento anterior.

Assim, este capítulo dedicar-se-á aos resultados mais relevantes que darão resposta às questões de investigação e às hipóteses enunciadas anteriormente e também fará referência às limitações do estudo e às aplicações práticas.

Iniciando pela avaliação do realojamento, de forma a dar resposta à primeira questão de investigação - *como é que as pessoas realojadas avaliam o processo de realojamento?* - a mesma foi analisada a partir de alguns pressupostos como: o tempo de bairro, o tempo de realojamento no bairro actual, como correu o realojamento, o tempo que tiveram para a mudança do bairro anterior para o actual e como foi a experiência do realojamento.

Tendo em conta os resultados anteriormente apresentados, tornou-se perceptível que a avaliação sobre o realojamento foi negativa, uma vez que os participantes viviam há muito tempo no bairro; tiveram pouco tempo para efectuar a mudança; na sua maioria durante a mudança perderam os seus móveis; e o bairro actual fica distante do centro da cidade.

Nas correlações encontradas quanto à avaliação do realojamento e a mudança com todos os vizinhos, notou-se que os participantes avaliam positivamente o realojamento quando este é feito com todos os vizinhos. Uma vez que houve rotura nas suas relações sociais, este resultado permite-nos perceber, como salienta Lima, (2000), que os espaços deixam marcas profundas nos indivíduos, e estas marcas não nos são dadas simplesmente pelas características físicas e arquitectónicas dos lugares, a sua força vem das relações que nelas ocorrem, das interacções que desenvolvem neste espaço. Simultaneamente com este resultado confirmou-se a terceira hipótese, *quanto mais positiva for a relação com a vizinhança maior será a qualidade de vida das populações*. Lima (2000) referencia também que a qualidade de vida e a satisfação estão

associadas à boa relação com o espaço e a existência de um ambiente de sociabilidade com os vizinhos.

Quanto a terceira questão da investigação: *quais seriam as implicações do realojamento no seu bem-estar?* Os resultados demonstram que a adaptação à mudança (bem-estar subjectivo, relacionamento e saúde) estão associados a uma melhor avaliação do realojamento, isto implica dizer que quanto maior for o bem-estar subjectivo, relacionamento e saúde, melhor é a avaliação que as populações fazem ao realojamento. Observando as correlações, a adaptação à mudança está associada ao bairro actual, o que vem confirmar a segunda hipótese, estes resultados são suportados pelo trabalho de Bernardo e Palma (2005), salientado que quanto maior a vinculação ao bairro actual, melhor a adaptação à mudança.

Relativamente à segunda questão que se prende com a relevância da vinculação ao lugar no processo de realojamento, os resultados revelaram que as populações estão mais vinculadas à casa anterior e ao bairro anterior, apesar do bairro e a casa actual apresentarem melhores condições de habitabilidade. No entanto, observando as correlações notamos que a avaliação do realojamento está associada à vinculação à casa actual e ao bairro actual, o que se significa que avaliam melhor o realojamento aqueles que estão vinculados à casa e ao bairro actual.

No que se refere à avaliação do realojamento com a vinculação à casa e ao bairro anterior, a correlação é negativa o que vem confirmar a primeira hipótese, quanto mais vinculação à casa anterior pior a atitude face ao realojamento, estes resultados são coerentes com os trabalhos de Freud, (1953); Milligan, (1998); e Speller, (2000), sobre as translocações forçadas, estes autores analisaram a vinculação ao lugar, e os significados que um lugar pode conter no indivíduo, fazendo referência ao lugar anterior e ao novo lugar.

Em suma, as populações não avaliaram positivamente o processo de realojamento, apresentaram valores mais altos quando se referiam ao alojamento anterior, e estavam mais vinculados à casa e ao bairro anterior.

4.1 - Limitações ao Estudo

O facto de grande parte dos participantes apresentar um índice de iliteracia muito elevado, constituiu uma das limitações para o estudo na medida em que as

perguntas que exigiam maior nível de compreensão reflectiram inibição para os indivíduos.

Tendo em conta que muitos dos participantes demonstraram alguma desconfiança quanto à finalidade dos dados, estes foram aplicados de forma oral, o que também pode constituir limitação, pois a presença do investigador pode inibir as respostas dos mesmos.

O uso do questionário com perguntas maioritariamente quantitativas, também constitui uma limitação, especialmente nas questões em que evidenciavam o carácter subjectivo dos participantes. Deste modo, seria interessante recorrer à metodologia qualitativa afim de colher dados mais sensíveis e ricos para o referido estudo.

Tal como referem alguns autores (Guiliani e Fredman, 1993; Lewicka, 2010; Mannarini; Tartaglis; Fedi e Greganti, 2006; Pretty, Bramston; Chipuer 2003), a falta de esclarecimento no conceito de lugar e identidade de lugar pode ser considerada limitação pela sua terminologia e ambiguidade.

A palavra “*felicidade*” usada como dimensão afectiva do bem-estar subjectivo, constituiu limitação para a investigação, uma vez que grande parte dos participantes, associaram a palavra ao facto de “*terem casas, filhos e família constituída*” como avaliação positiva da felicidade.

O facto de ser um estudo pioneiro em Angola, cujas escalas utilizadas foram adaptadas para a população Europeia também constitui uma limitação para o estudo devido às diferenças culturais.

4.2 - Propostas e Implicações Práticas

Um dos aspectos mais importantes do estudo passa pelo interesse de contribuir para soluções pertinentes para posteriores acções de realojamento, tendo em atenção os conceitos usados, nomeadamente o de vinculação, satisfação residencial e bem-estar.

Do ponto de vista teórico é mais um contributo na área da psicologia social, em Angola e um incentivo para os futuros trabalhos.

Seria interessante em futuros trabalhos realizar um estudo longitudinal com a população em estudo no sentido de verificar se existem diferenças significativas comparativamente a estes resultados.

Segundo alguns autores (Sime, 1986; Stokols e Shumaker, 1982, citado por Speller, 2005) o impacto do realojamento é menor quando há participação da população. Assim, considerou-se pertinente nos próximos realojamentos a participação da população no sentido de se verificar se o impacto é maior ou menor quando os mesmos participam.

Os resultados, principalmente no que concerne à questão de percepção de relações sociais, indicam que os programas de realojamento devem ter em conta as redes sociais dos indivíduos, na medida em que a avaliação do realojamento é positiva quando os mesmos fazem a mudança com os vizinhos e amigos.

REFERÊNCIAS

- Almeida, I. & Castro, P. (2002, Maio). *Realojamento – Satisfação residencial e identidade local*. Comunicação apresentada no 1º colóquio Psicologia, Espaço e Ambiente da Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- Amérigo, M. (2000). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Eds.), *Psicologia ambiental* (pp. 172-193). Madrid: Psicología Pirámide.
- Amérigo, M. (2002). A Psychological approach to the study of residential satisfaction. In J.I. Aragonés ,F.Guido,& T.Garling. (Eds.).*Residential environments: Choice, dissatisfaction and behavior* (pp. 1-14). London: Bergin e Garvey.
- Amérigo, M. & López, R. P. (2010). Ambientes Residenciales. In J. I. Aragónes, & M. Amérigo (Eds.), *Psicologia ambiental* (pp. 163-180). Madrid: Edições Piramide.
- Aragónes, J.I.,Francescato,G.& Garling,T. (2000). Evaluating residential environments. In J. I. Aragonés, F.Guido,& T.Garling (Eds.), *Residential environments: Choice, dissatisfaction and behavior* (pp. 1-14). London: Bergin e Garvey.
- Augé, M. (1994). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- Bernardo, F., & Palma, J.M. (2005). Place change and identity process. *Medio Ambiente y comportamiento Humano*, 6,71-87.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda*. (2ª Edição). Brasília: Martins Fontes.
- Diener, E. (2000) Subjective well-being – the science of happiness and a proposal for a national index. *American psychologist*, 55, 34-43
- Duarte & Lima, L. (2001). Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. Manuscrito não publicado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Fried, M. (2000). Continuities and discontinuities of place. *Journal of Environmental Psychology*.,20, 193-205.

- Freitas, M. (1990) *Satisfação Residencial e Atitudes Face Ao Realojamento. Estudo de uma amostra de indivíduos residente no Bairro do Relógio*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. ICT.
- Freitas, M.J.L. (2001). *Habitação e cidadania- no trilho da complexidade de processo relacionais, generativo.*, Manuscrito não publicado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Gabinete Técnico de Reconversão Urbana do Cazenga e Sambizanga. Decreto –lei nº 266/10 de 29 de Novembro. Diário da República nº266/10- I Série nº 255.
- Giacomani, C. H. (2004). *Temas em psicologia da SBP - Bem- estar: Em busca da qualidade de vida*. Manuscrito não publicado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Guedeney, N., & Antoine, G. (2004). *Vinculação : Conceitos e aplicações*. Lisboa : Climepsi.
- Hernández, B. & Hidálgo, M. C. (2001). Place Attachment: Conceptual and Empirical Question. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281.
- Hernández, B., & Hidalgo, M. C. (2007). Place attachment and place identity in natives and non- natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27, 310- 319.
- Hughes, et al. (2004). *A short scale for measuring loneliness in large surveys*. *Research on Aging*, 26, 655-672.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). Inquérito integrado sobre o bem-estar da população. Volume I e II. Luanda, Angola.
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of Place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 35-51.
- Lima, L. & Bomfim (2009). Vinculação afectiva pessoa-ambiente: *Diálogos da psicologia comunitária e Ambiental*. 40 (4) 491-497.
- Lima, L. (2002). As marcas dos lugares nas pessoas: Identidade, apropriação e relações de vizinhança. In L. G. Brito (Ed.). *Gestão urbana: Passado, presente e futuro*. (pp. 58-66). Lisboa: Parque Expo.

- Lima, L. M. & Novo, R. (2006): Nós por cá todos bem? Bem -Estar Subjectivo e Social em Portugal e na Europa. In J. Vala & A. Torres (Eds.), *Atitudes, valores e estruturas sociais na Europa* (pp. 147 -182). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Lopes,C.M.(2011). *Candonqueiros e Kupapatas- A cumulação, Risco e Sobrevivência na Ecomomia Informal em Angola*. Liaboa:Principia.
- Menezes, M. (1994). *Ecologia Social e Reabilitação Urbana*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Ministério do Ambiente.Portaria nº3/34 de 25 de Junho, *Diário da República, nº51-1 Série,-Lei do ordenamento do Território e do Urbanismo*. Brochura sobre Legislação Ambiental Angolana. Angola.
- Nzatuzola, J.B.L. (2007a). *População e Mercado de Trabalho*. Ed. Nzila Angola.
- Nzatuzola, J.B.L. (2007b). *Crescimento Populacional em Angola: Um olhar sobre a situação dinâmica populacional da cidade de Luanda*. Ed. Nzila Angola.
- Ramírez,B.F.(2000).El medio urbano.In J.I.Aragónes,&M.Amérigo,(Eds).*Psicología Ambiental*.Madrid:Psicología Piramide.
- Relatório Social e Económico(2010). Universidade Católica de Angola. Centro de Estudos de Investigação Ciêntífica. Luanda. Angola.
- Ribeiro, P. L. (1994). A Psicologia da saúde: Saúde e doença. In M. T. McIntyre (Ed). *Áreas de Intervenção e Perspectivas Futuras*. (pp. 55-69). Lisboa.
- Percepção do Bem- Estar individual e felicidade dos Angolanos. (2011,3 de Março) Jornal o País (pp.) entrevista de Alves da Rocha.
- Speller, G.M.(2000). A community in transition: A longitudinal study of place attachment and identity processes in the context of an enforced relocation. Doctoral Phd Thesis, University of Survey.UK.Guildford.

Speller, G.M., Lyons, E.L., & Twigger-Ross, C. (2002). A community in transition: the relationship between spatial change and identity process. *Social Psychological Review*, 4, 39-45.

Speller, G. (2005). A importância da Vinculação ao Lugar. In L. Sockza (Ed.) *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 133-163). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Villodres. M.C.H. (1998) *Apego al Lugar: Ambitos, Dimensiones y Estilos*.
Manuscrito não publicado, Universidade de La Laguna, Espanha.

Stokols, D. & Shumaker, S.A.(1982). The psychological context of residential mobility and well-being. *Journal of Social Issues*, 38, 149-171.

Veenhoven,R.(2010).Word database of happiness [Versão electrónica].Retirado em 20 de Maio de 2012 de <http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/>.

ANEXOS

Anexo A - Questionário

Estamos a realizar uma pesquisa para a tese de Mestrado em Psicologia Social da Saúde, em Lisboa. Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem, salientando que **não existem respostas correctas ou erradas**, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Todas as respostas são **anónimas**. É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os grupos**. Agradecemos a sua colaboração.

Parte I Caracterização Pessoal

1-Idade ____

2-Sexo: ₁Feminino ₂ Masculino

3- Estado civil: ₁Solteiro ₂ Casado ₃ União de facto
₄ Divorciado ₅ Viúvo

4- Indique o nível académico em que se encontra neste momento:

₁I Ciclo ₂ II Ciclo ₃ Secundário
₄ Ensino Superior ₅ Licenciado ₆ Mestre

5- Indique a sua situação laboral:

₁Empregado. Profissão: _____
₂ Desempregado. Profissão anterior: _____
₃ Reformado. Profissão anterior: _____
₄ Outros: _____

PARTE II- Avaliação Quanto ao Realojamento

6- Com quem vive actualmente? _____

7- O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? _____

8- Há quanto tempo foi realojado? _____

9 – Com quem vivia antes do realojamento? _____

10 - Quanto tempo viveu no anterior bairro? _____

11- Quanto tempo teve para a mudança? _____

No geral diria que:

O realojamento correu:

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
Muito mal Mal Médio Bem Muito bem

A experiência de realojamento foi:

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
Muito negativa Negativa Média Positiva Muito positiva

12- Até que ponto é que teve apoio das instituições (Governo provincial)? _____

No geral diria que teve:

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
Nenhum apoio **Pouco** apoio das **Algum** apoio das **Muito** apoio das **Muitíssimo** apoio
das instituições instituições instituições instituições das instituições

13- Até que ponto teve apoio da família? _____

No geral diria que teve:

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
Nenhum **Pouco** **Algum** **Muito** **Muitíssimo** apoio
apoio da família apoio da família apoio da família apoio da família da família

14- Até que ponto teve apoio dos amigos e vizinhos? _____

No geral diria que teve:

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
Nenhum **Pouco** **Algum** **Muito** **Muitíssimo** apoio
apoio dos apoio dos apoio dos apoio dos dos amigos e
amigos e amigos e amigos e amigos e vizinhos
vizinhos vizinhos vizinhos vizinhos

15 - Fez a mudança com os seus vizinhos mais próximos do bairro anterior?

₁ Sim, com todos. ₂ Só com alguns vizinhos ₃ Não.

PARTE III - Opinião Sobre à Satisfação Residencial e vinculação ao lugar

Pense agora na sua residência actual no ZANGOIII.

16 - Até que ponto está satisfeito com os seguintes aspectos do seu alojamento no Zango III:

	Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nem pouco nem muito Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
Casa	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Bairro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Cidade	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

17- Até que ponto as seguintes frases correspondem ao que sente sobre o seu alojamento actual no Zango III:

	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Muitíssimo
<i>A SUA CASA NO ZANGOIII</i>						
Sinto-me feliz nesta casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado a esta casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gosto das pessoas que vivem na minha casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado as pessoas que vivem na minha casa..	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
<i>O SEU BAIRRO NO ZANGOIII</i>						
Sinto-me feliz neste bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado a este bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gosto dos meus vizinhos neste bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado aos meus vizinhos.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆

Pense agora na sua residência no bairro anterior.

18 - Quando lá estava, até que ponto estava satisfeito com os seguintes aspectos da sua residência no bairro anterior:

	Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nem pouco nem muito Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
Casa	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Bairro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Cidade	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

19- Até que ponto as seguintes frases correspondem ao que sente sobre o seu alojamento anterior:

	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Muitíssimo
A SUA CASA NO BAIRRO ANTERIOR						
Sentia-me feliz na casa no ANANGOLA.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sentia-me ligado à casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gostava das pessoas que viviam na minha casa , do bairro anterior.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sentia-me ligado às pessoas que viviam na minha casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
O SEU BAIRRO ANTERIOR						
Sentia-me feliz no bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sentia-me ligado ao bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gostava dos meus vizinhos no bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sentia-me ligado aos meus vizinhos.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆

PARTE IV -Bem -Estar

Para terminar, queremos agora saber algumas coisas sobre a sua vida e a sua saúde. Queria que pensasse na forma como se sente.

20 - Como avalia a sua saúde em geral?

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
 Muito má Má Razoável Boa Muito boa

21 - Em comparação com a maioria das pessoas da sua idade, considera que a sua saúde é...

₁ ₂ ₃ ₄ ₅
 Muito pior que a Pior que a dos Igual Melhor que Muito melhor que
 dos outros outros a dos outros a dos outros

Para responder às perguntas seguintes, pense por favor nos diversos aspectos da sua vida (pessoal, profissional, familiar, etc)

22 - Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?

Está...

Extremamente
Insatisfeito

Extremamente
Satisfeito

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

23- Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente?

Está...

Extremamente

Extremamente

O Processo de Realojamento e a Melhoria da Qualidade de Vida dos Habitantes do Zango III

Infeliz											Feliz
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

24- Com que frequência sente que lhe faltam amigos?

₁ Quase nunca ₂ Às vezes ₃ Muitas vezes

25- Com que frequência sente que o deixam de fora?

₁ Quase nunca ₂ Às vezes ₃ Muitas vezes

26- Com que frequência se sente isolado das outras pessoas?

₁ Quase nunca ₂ Às vezes ₃ Muitas vezes

Muito obrigada pela sua colaboração.

Anexo B – Imagens dos Bairros de Origem e Bairro Actual

Imagens do Bairro Antigo em demolição.



Alargamento das vias de acesso do bairro antigo



Imagens do bairro em situação de risco



Imagens dos moradores no bairro antigo



Imagens do bairro degradados – zona de risco



Imagens do Gabinete do PRP- Programa do Realojamento das Populações



Imagens do bairro de transferência das populações- Zango III

